



Vol. 4 N.2
ISSN 1677-7220
Julho a Dezembro de 2005

Revista
REBIBLIOMAROMAR



BIBLIOMAR

Um novo olhar para o conhecimento

Publicação Semestral do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

CONSELHO EDITORIAL

Rita Gonçalves M. Portella Ferreira (*Presidente*)
Adriana Kós
Kátia Soares
Michele Alves
Tauane Brito
Luciana de Paula

EQUIPE EDITORIAL

Editora

Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

Editora Assistente

Luciana de Paula

Comissão Captação de Originais

Adriana Kós (Coordenadora)
Neide Santos
Terezinha de Fátima Smith
Jacquiciléa Soares

Comissão Comunicação e Divulgação

Kátia Soares (Coordenadora)
Abelândia Lopes
Luciana de Paula
Roseane Nascimento

Comissão Editorial

Michele Alves (Coordenadora)
Leciana Pinto
Maria das Graças Maciel
Hercília Jeane Oliveira

Patrocínio e Finanças

Tauane Brito (Coordenadora)
Saulo Pimentel
Alisson Cadete
Priscila Guimarães

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Prof^o Fernando Antonio Guimarães Ramos
(Reitor)

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Prof^a Cláudia Maria Pinho de A. Pecegueiro
(Diretora)

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA
Prof^a Cenivalva Miranda de Sousa Teixeira
(Coordenadora)

Prof^a Maria da Glória S. P. de Alencar
(Chefe do Departamento)

End: Av. dos Portugueses, s/n
Campus Universitário do Bacanga
São Luís – Maranhão
CEP: 65.080-040
Site: www.revistabibliomar.net.br



Um novo olhar para o conhecimento

ARTIGOS

O BIBLIOTECÁRIO E SUAS HABILIDADES GERENCIAIS	5
Ana Caroline Pires Araújo, Terezinha de Fátima Vale Porto Smith	
A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AULA	16
Lígia Rocha de Moraes Rego	
BIBLIOTERAPIA: uma alternativa na construção de uma nova sociedade	42
Tiago Lincka de Sousa	
O ENSINO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NO CURRÍCULO ATUAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMA	57
Eizemeire Silva Coelho, Neide Daiane Silva Santos	
A ERA DA INFORMAÇÃO: a supervalorização do capital intelectual	77
Leciana da Conceição Figueiredo Pinto	
HABILIDADES DO BIBLIOTECÁRIO NA GESTÃO DO CONHECIMENTO	86
Michele Alves da Silva	
A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E O ADVENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE REFERÊNCIA	95
Amália Tereza Lima da Guia, Francijane Oliveira, Livia Cristina Santos Silva, Sílvia Tereza Rocha Almeida, Tauane Gleide Guimarães Brito	
TRAJETÓRIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA: histórico, perspectivas e políticas de financiamento	109
Luhilda Ribeiro Silveira	
AULA DA SAUDADE	123
FIQUE POR DENTRO	127
ENTREVISTA	129

Rev. Bibliomar	São Luís	v. 4	n. 2	p. 1-132	jul./dez. 2005
----------------	----------	------	------	----------	----------------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Capa: Davidson Lima Barros
Edição: Roseline Carvalho Costa
Produção Gráfica: Comissões Editoriais e de Comunicação
Consultores Ad Hoc: Prof^o Ms. Cássia Cordeiro Furtado
Prof^o Dr. César Augusto Castro
Prof^o Ms. Leoneide Maria Brito Martins
Prof^o Ms. Valdirene Pereira da Conceição
Prof^o Ms. Rita Gonçalves M. P. Ferreira
Prof^o Ms. Márcia Tereza da Rocha Pimenta

Revisão de Normalização: Michele Alves da Silva
Leciana da Conceição Figueiredo Pinto
Maria das Graças Ferreira Maciel

Revisão de Edição: Michele Alves da Silva
Leciana da Conceição Figueiredo Pinto
Maria das Graças Ferreira Maciel
Gráfica Universitária - UFMA
100 exemplares

Impressão:
Tiragem:
Distribuição:

Universidade Federal do Maranhão - Centro de Ciências Sociais
Coordenação Curso de Biblioteconomia
End.: Av. dos Portugueses, S/N
Campus Universitário do Bacanga
São Luís - Maranhão - CEP: 65.080-040

As opções expressas na **Revista Bibliomar** são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Revista Bibliomar/Curso de Biblioteconomia. – Vol. 1, n. 1 (2002) –
– São Luís: UFMA, 2002- .

v. ; 30cm

Semestral

ISSN-1677-7220

1. Biblioteconomia – Periódicos I. Universidade Federal do Maranhão.
Curso de Biblioteconomia.

CDD 020.5
CDU 02 (05)

Editorial

Apresentar esta Revista causa-nos bastante satisfação por oportunizar uma reflexão em torno da socialização da Informação, retórica comum nos discursos da Ciência da Informação e por se constituir uma obra dos discentes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão que dando continuidade chega em seu v. 4, n. 2.

Este trabalho transcende as dificuldades e as incertezas que permeiam toda e qualquer ação educativa e informativa, possibilitando um novo pensar da biblioteconomia maranhense, na medida em que possibilita integração com a comunidade acadêmica e se partilha saberes de diferentes especialidades.

Examinando os artigos publicados neste importante veículo de comunicação, foi possível constatar a diversificação dessa área do conhecimento, bem como os alunos encontram-se antenados e predispostos a estabelecer efetivamente práticas informacionais que permitam concorrer para a socialização da informação e do conhecimento.

De modo específico, pode-se afirmar que a Bibliomar ao longo de sua trajetória, vem contribuindo para a performance do curso de Biblioteconomia desta universidade, além de enriquecer o caminho da investigação.

Por fim, desejamos vida longa à Bibliomar.

Luciana de Paula

O BIBLIOTECÁRIO E SUAS HABILIDADES GERENCIAIS

Ana Caroline Pires Araújo

Terezinha de Fátima Vale Porto Smith

Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O artigo discorre sobre o gerenciamento da informação identificando-se os objetivos, princípios e definição de gestão do conhecimento. Aborda também a importância do planejamento como instrumento utilizado para influenciar nos processos de mudança organizacional e como é administrado pelo profissional bibliotecário.

Palavras-Chave: Bibliotecário. Gestão do conhecimento. Unidades de Informação. Planejamento.

1 INTRODUÇÃO

Tal como uma ciência, a gestão observa e modela a realidade. E é neste cenário que a informação passa a ser o grande objeto das transformações que geram novas informações. Informações estas que precisam ser gerenciadas por profissionais que estejam consoantes com as novas exigências da moderna sociedade globalizada da qual fazem parte. E sendo o gestor alguém pertencente à organização e a quem compete a execução das tarefas confiadas à gestão.

Os profissionais de biblioteconomia se enquadram neste perfil, pois além de serem intermediárias entre a informação /

conhecimento e os usuários / consultentes, primam pela democratização do acesso de uma forma simples e gratificada. E hoje, mais do que nunca, não só os bibliotecários, mais, os gestores como um todo têm que estar sensibilizados para o fato de o planejamento estratégico dos SI ser um fator chave da criação de valor acrescentado e das vantagens competitivas para as organizações. Em suma, a gestão da informação é entendida como um processo sistemático, articulado e intencional, apoiado na geração, codificação, disseminação e apropriação de conhecimentos, tanto de recursos gerados internamente como os produzidos externamente e fazendo apelo, sempre que necessário, à tecnologia da informação.

Segundo Chiavenato (1999, p.30) "[...] na era da informação, as organizações requerem agilidade, mobilidade, inovação e mudanças necessárias para enfrentar as novas ameaças e oportunidades em um ambiente de intensa mudança e turbulência".

Assim, diante deste contexto o Bibliotecário deve desenvolver suas habilidades gerenciais com objetivo de repassar para os usuários serviços inovadores, de modo que este cliente seja correspondido com a informação desejada, inserindo também o planejamento que é necessário para organizar, controlar, e direcionar qualquer ambiente de trabalho.

2 O GESTOR

Segundo Fayol (apud BRAGA, [199-?]), o gestor é definido pelas suas funções no interior da organização, é a pessoa a quem

compete a interpretação dos objetivos propostos pela organização e atuar, através do planejamento, da organização, da liderança ou direção e do controle, afim de atingir os referidos objetivos. Daí se conclui que o gestor é alguém que desenvolve os planos estratégicos e operacionais que julga mais eficazes para atingir os objetivos propostos, concebe as estruturas e estabelece as regras, as regras, políticas e procedimentos mais adequados aos planos desenvolvidos e, por fim, implementa e coordena a execução dos planos através de um determinado tipo de liderança e controle.

O gestor ou empreendedor de uma unidade de informação deve conceber uma idéia global dos seus mercados, dos seus clientes e fornecedores, das práticas comerciais, dos hábitos e costumes que formam a cultura na qual está inserida o seu negócio e também como seu negócio interage e é afetado pelo restante da sociedade. Deve ainda compreender, em grandes linhas, no que consiste a atividade de gestão e qual o seu papel. Além de ser necessário que conheça.

A verdadeira dimensão de seu trabalho, e os conceitos e ferramentas que o ajudem no desempenho de suas atividades.

3 O PROCESSO DE GESTÃO

Embora não seja possível encontrar uma definição universalmente aceita para o conceito de gestão existe algum consenso a que este deva incluir obrigatoriamente um conjunto de tarefas que procuram garantir eficazmente que todos os recursos disponibilizados pela organização obtenham sucesso e consigam atingir os objetivos

pré-determinados. Em outras palavras, cabe à gestão a otimização do funcionamento das organizações através da tomada de decisões racionais e fundamentadas na recolha e tratamento de dados e informação relevante e, por essa via, contribuir para o seu desenvolvimento e para a satisfação dos interesses de todos os seus colaboradores e proprietários e para a satisfação de necessidades da sociedade em geral ou de um grupo em particular. A gestão é um processo que está sendo cada vez mais reconhecido como atividade importante para o sucesso de um empreendimento. Pois, consiste não só de um conjunto de ferramentas, como: dirigir as competências, a energia dos indivíduos emprego dos recursos, como também de uma adequada visão e compreensão do negócio em si com o propósito de atingir a excelência organizacional.

4 A GESTÃO DO CONHECIMENTO

Com o advento da revolução tecnológica o conhecimento passou a ser o principal fator de produção da sociedade contemporânea. No passado, na sociedade feudal, foi a terra, depois, na era da industrialização, o capital e o trabalho. Hoje, de acordo com vários especialistas, é o conhecimento que gera riqueza e transforma a vida das empresas e das pessoas.

Pressupondo que a Gestão do Conhecimento resulta de um processo de mudança cultural das organizações, que por sua vez envolve muito planejamento, amadurecimento, dedicação e tempo. Ela pode ser definida como o processo sistemático de identificação, criação

aplicação e renovação dos conhecimentos que são estratégicos na vida de uma organização. Outro aspecto importante desse novo processo de gestão é o mapeamento das competências.

A Gestão do conhecimento, como em qualquer abordagem de gestão, é formada por princípios e práticas. Os princípios são valores e crenças que irão orientar e estimular as práticas. As práticas da Gestão do Conhecimento são as ações e alguns elementos complementares, como a infra-estrutura, que irão gerar e disseminar o conhecimento numa organização. Estas duas partes da Gestão do Conhecimento são essenciais e devem coexistir numa organização, a falta de uma delas pode desestruturar toda essa gestão, tomando-a pouco duradoura.

Segundo Reis (apud BRAGA, [199-?]), para que a gestão da informação seja eficaz, é necessário que se estabeleçam um conjunto de políticas coerentes que possibilitem o fornecimento de informação relevante, com qualidade suficiente, precisa, transmitida para o local certo, no tempo correto, com um custo apropriado e facilidades de acesso por parte dos utilizadores autorizados.

A gestão da informação deve assentar num Sistema de Informação desenvolvido à medida das necessidades da empresa, desempenhando um papel de apoio na articulação dos vários subsistemas que a constituem (entendida como um sistema global) e os sistemas envolventes, na medida em que efetua o processamento de dados provenientes de múltiplas fontes, gerando informação útil e em tempo real à gestão e à tomada de decisão na empresa por forma a criar vantagens competitivas do mercado.

A gestão da informação, tenta fazer a ponte entre a gestão estratégica e a aplicação das Tecnologias de Informação nas empresas,

procura, em primeiro lugar, tentar perceber qual a informação que interessa à empresa, para de seguida, definir processos, identificar fontes, modelar sistemas. E as novas Tecnologias de Informação são os instrumentos que vieram permitir gerir a informação em novos moldes, agilizando o fluxo das informações e tornando a sua transmissão mais eficiente (gastando menos tempo e menos recursos) e facilitando, por sua vez, a tomada de decisão.

5 IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO PARA DESENVOLVER AS HABILIDADES BIBLIOTECONÔMICAS

Em todo e qualquer ambiente de trabalho deve haver o planejamento de modo a facilitar todo o processo dentro de uma U.I.

O papel do planejamento se concentra no ajuste de suas estratégias empresarial como um todo e torna-se um grande instrumento, ajudando a garantir o sucesso e aumentar a capacidade da U.I. a atingir seus objetivos.

Com um planejamento seguido pela empresa rigorosamente ocorre uma transformação que acarreta mudança fundamental no interior da empresa onde os bibliotecários que administram toda essa transformação tornam – se guardiões e catalisadores culturais.

O planejamento é uma estratégia, onde esse processo é extremamente importante para o bom desempenho de qualquer organização, seja ela, pública ou privada.

Sabemos que o futuro só começa quando todos os envolvidos em sua construção estão de acordo em relação aos objetivos

da organização, onde os bibliotecários orientam ações na busca de um bom atendimento pra seus usuários. Partindo desse pressuposto, entra a ação do planejamento que, segundo Maximiano (2000, p.175) é a ferramenta que as organizações utilizam para administrar suas relações com o futuro. É uma aplicação específica do processo decisório. As decisões que procuram, de alguma forma, influenciar o futuro, ou que serão colocadas em prática no futuro são decisões de planejamento.

O planejamento estratégico é uma das partes fundamentais para o bom andamento de uma organização.

Para Maximiano (2000, p.203)

A necessidade de planejar estrategicamente é o resultado de dois conjuntos de forças principais: o primeiro compreende as oportunidades e desafios criados pelos segmentos do ambiente, como concorrência, consumidores, tecnologia, fontes de matéria-prima e outros elementos; o segundo compreende os problemas e as potencialidades que surgem nos sistemas internos da organização, como as competências de seus funcionários, a tecnologia de suas máquinas, equipamentos e processos, sua disponibilidade de capital e outros elementos. Portanto, verifica-se que sem a utilização do planejamento estratégico as organizações ficariam a deriva, sem rumos, sem nenhuma perspectiva de chegar a algum lugar.

Segundo a literatura o planejamento, hoje amplamente divulgado, é uma das mais importantes funções ou processos administrativos. Através dele os administradores podem preparar-se para encarar o futuro, estabelecendo um direção a ser seguida. Para realizá-lo bem os administradores precisam se preocupar em adquirir uma visão estratégica de como os processos da organização devem

ser implementados ou alterados, de forma a atender as necessidades da organização no futuro próximo.

Percebe-se em algumas Bibliotecas um mal atendimento por parte dos funcionários, e tendo este como ponto negativo, faz-se necessário um curso de relações humanas, ou de bom atendimento aos clientes(usuários), pois independente de qualquer problema o atendimento tem que satisfazer a busca da informação dos usuários.

As necessidades provocadas nas pessoas podem corresponder á necessidade de treinamento, substituição, transferências, funções, avaliação etc; na tecnologia pode ser apresentada pela evolução dos conhecimentos, pelas novas maneiras se executar suas tarefas, etc; e nos sistemas podem ocorrer alterações nas responsabilidades estabelecidas, nos níveis de autoridade, descentralização, comunicações, procedimentos, instruções etc.

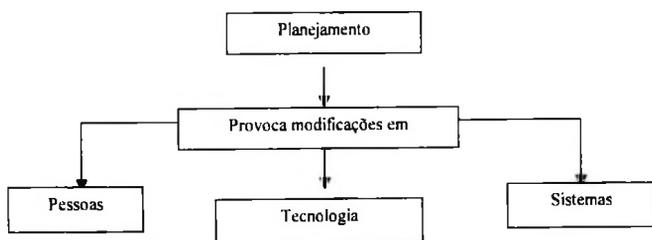


Figura 1: modificações provocadas pelo planejamento
Fonte: Oliveira (2004)

De acordo com Oliveira (apud STEINER, 2004), através dos aspectos mencionados acima, o planejamento procura proporcionar a

empresa uma situação de eficiência, eficácia e efetividade.

Eficiência é:

- a) Fazer as coisas de maneira adequada;
- b) Resolver problemas;
- c) Salvar recursos aplicados;
- d) Cumprir o seu dever;
- e) Reduzir os custos

Eficácia é:

- a) Fazer as coisas certas;
- b) Produzir alternativas criativas;
- c) Obter resultados.

Efetividade é:

- a) Manter-se no ambiente;
- b) Apresentar resultados positivos ao longo do tempo.

6 CONCLUSÃO

Analisando-se tudo que foi exposto pode-se tecer o seguinte comentário: Sendo a gestão do conhecimento um processo que tem por propósito atingir a excelência organizacional. Compreende-se que a gestão do conhecimento é um modo novo de ver e conduzir a empresa. Seus gerentes e funcionários devem aprender e ver a empresa a partir dos óculos da gestão do conhecimento. E sendo o bibliotecário o profissional que tem nas mãos um papel tão importante como o de gerenciador da informação é necessário que ele entenda como o conhecimento se forma e como as organizações e pessoas aprendem

a usá-lo sabiamente. Observou-se também que a tecnologia da informação utilizada na Gestão do Conhecimento é aquela que não apenas capta e distribui o conhecimento estruturado, mas também viabiliza a transferência de conhecimento entre as pessoas.

Assim, para que uma Unidade de Informação tenha suas metas alcançadas é de fundamental importância estabelecer medidas como por exemplo o planejamento, que é um poderoso instrumento orientador dos rumos e das ações das organizações, tanto no ambiente interno quanto no externo. É também um processo que proporciona o desenvolvimento e a manutenção de um ajuste estratégico entre os objetivos e as potencialidades dos centros de informação, visando se adaptar com as necessidades de seus clientes, já que o mercado de trabalho vive em constantes mudanças.

THE MANAGEMENTAL LIBRARIAN AND ITS ABILITIES

ABSTRACT

The article discourses on the management of the information identifying itself the objectives, principles and definition of management of knowledge. It approaches also the importance of the planning as used instrument to influence in the processes of organizational change and as it is managed by the professional librarian.

Keywords: Librarian. Management of the knowledge. Units of Information. Planning.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, Deyse Enne. **Disseminação da informação I**. Manaus: Universidade do Amazonas, 1996.

BRAGA, Ascensão. **Gestão da informação**. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/19_arq1.html>. Acesso em: 09 maio 2005.

CORREIA, A.M.R. **Gestão da Informação: um instrumento para a modernização da indústria portuguesa**. *Revista Competir Informação para a indústria*, ano III, n. 02, 1992.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas: o novo papel dos recursos humanos das organizações**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

GARVIN, David A. **Gerenciando a qualidade: a visão estratégica e competitiva**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MAXIMIANO, Antônio César Amaru. **Introdução à Administração**. São Paulo: Atlas, 2002.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas**. São Paulo: Atlas, 2004.

PALADINI, Édson Pacheco. **Gestão da qualidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2004.

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA ELABORAÇÃO DO PLANO DE AULA

Ligia Rocha de Moraes Rêgo

Estudantes do 5º período do Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O estudo da biblioteca escolar como recurso para elaboração do plano de aula é uma pesquisa sobre o comportamento do corpo docente do Ensino Fundamental com relação ao efetivo uso dos recursos da biblioteca, que se deu através de questionários, entrevista informal e observação direta do ambiente escolar. Tendo a primeira parte da pesquisa referencial teórico das áreas educacional e biblioteconômica na busca de alicerçar a pesquisa de campo. A análise dos dados teve embasamento teórico quanto a importância do trabalho conjunto do profissional bibliotecário e o professor das séries iniciais quanto ao efetivo uso da biblioteca nas atividades pedagógicas.

Palavras-Chave: Biblioteca escolar. Planejamento. Formação docente.

1 INTRODUÇÃO

A relação adquirida pelo aluno durante a escolarização com a biblioteca é caracterizada pela imposição, proibição, desconforto, padronização do gosto da leitura e até mesmo pelas buscas fracassadas. A finalidade desta pesquisa é conscientizar o corpo docente de seu papel quanto gestor da sala de aula na promoção do ambiente e recursos da biblioteca através do plano de aula.

A biblioteca como recurso para a elaboração do plano de aula visa resgatar duas vias importantes para a construção do conhecimento: o planejamento das atividades a serem desenvolvidas na sala de aula e a pesquisa pessoal. A biblioteca é um dos instrumentos que serve para a promoção da pesquisa, uma vez que através do seu acervo se caminha para a resolução das situações-problema do cotidiano escolar.

Alicerçar a auto-educação dos cidadãos, dada à variedade de recursos informativos que oferece, somada a liberdade de opção que proporciona e o baixo custo que sua utilização representa à comunidade escolar. Diante disto, é realmente espantoso constatar o baixo índice de escolas que possuem biblioteca em sua estrutura.

A abordagem do tema em questão se dá em quatro etapas. A primeira destas relaciona o professor, o aluno e o conhecimento discutindo sobre os pilares da educação, os objetivos de ensino e a abordagem interacionista com ênfase na teoria construtivista. A segunda o planejamento como reflexão para construção do plano de aula, instrumento necessário para o trabalho docente, que é a ponte essencial para o uso efetivo dos recursos materiais, físicos e humanos da Biblioteca Escolar.

A terceira aborda as funções da biblioteca de modo a oferecer uma visão desta como um ambiente importante para o desenvolvimento das habilidades no manuseio dos recursos materiais da mesma em função da aprendizagem. E para concluir analisa-se os dados coletados no estudo de caso e faz-se a exposição das impressões quanto aos fatos vivenciados durante a pesquisa, na efetiva utilização do ambiente da biblioteca pelos educadores.

2 A RELAÇÃO PROFESSOR, ALUNO E CONHECIMENTO

As constantes mudanças que ocorrem na sociedade refletem diretamente na escola, que necessita rever suas práticas para que contemple o aprendiz com os conhecimentos necessários para sua vida e que este seja capaz, segundo Gomes (2001) de *aprender a conhecer* dominando os instrumentos para aquisição do conhecimento; *aprender a fazer* colocando em prática os conhecimentos e adaptando a educação ao trabalho; *aprender a viver juntos* construindo um contexto igualitário para projetos comuns; e, *aprender a ser* desenvolvendo integralmente o indivíduo em sua inteligência, sensibilidade, sentido estético, ético e de responsabilidade e espiritualidade.

Desta forma, o professor necessita ter em mente estratégias que permitam desenvolver no educando *habilidades* que culminem em *competências* que facilitem sua convivência em sociedade. Logo, os conteúdos precisam ser trabalhados para que privilegiem objetivos de ensino de maneira que sejam trabalhados de forma conceitual, procedimental e atitudinal. Segundo Zabala (1998, p. 43) "Uma das características dos conteúdos é que a aprendizagem quase nunca pode ser considerada acabada, já que sempre existe a possibilidade de ampliar ou aprofundar seu conhecimento, de fazê-lo mais significativo".

O conteúdo das disciplinas deve ser trabalhado durante as aulas para despertar nos alunos o interesse intencional na projeção dos objetivos de ensino, pela aquisição dos conceitos e princípios que fomentem o desenvolvimento das capacidades, habilidades e gosto pela aprendizagem. "Um conteúdo procedimental – que inclui entre outras

coisas as regras, a técnicas, os procedimentos – é um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo." (ZABALA, 1998, p. 43).

Os procedimentos adotados na sala de aula precisam aflorar no aprendiz a expressão do saber fazer, envolvendo a tomada de decisão e a realização de uma série de ações ordenadas e não aleatória, objetivando atingir determinada meta.

Já os *conteúdos atitudinais*, conforme Zabala (1998, p. 48-49)

[...] engloba uma série de conteúdos que por sua vez podemos agrupar em atitudes e normas [...]. Aprendeu-se uma atitude quando a pessoa pensa, sente e atua de uma forma mais ou menos constante frente ao objeto concreto a quem dirige essa atitude

Para que se alcance os quatro pilares da educação faz-se necessário conquistar a competência de trabalhar os conteúdos das diversas disciplinas de maneira que o educando adquira os conceitos que o leve a proceder de maneira adequada, tomando atitudes impregnadas de valores éticos para com o ambiente e as pessoas.

Para Rios (2002, p. 45)

O educador desenvolve sua prática no espaço da instituição que é a escola. Enquanto instituição social é tarefa da escola a transmissão sistematizada da cultura entendida como resultado da intervenção dos homens na realidade, transformando-a e transformando a si mesmos.

É possível observar que para se contemplar na prática escolar os quatro pilares da educação são necessário que o educador tenha a postura de investigador de sua própria prática pedagógica, sendo essencial o estudo dos processos centrais do indivíduo quanto à

organização do conhecimento, o processamento das informações, os estilos de pensamento, os comportamentos relativos à tomada de decisões (MIZUKAMI, 1986).

Os fatores elencados constituem a investigação científica da abordagem interacionista que postula o estudo científico da aprendizagem como um produto do ambiente, das pessoas e de fatores externos ao aluno. Essa abordagem reconhece o conhecimento como resultado das interações do sujeito com o meio. Logo, o construtivismo, segundo Carretero (1997, p. 10).

[...] é a idéia que sustenta [que] o indivíduo [...] não é um mero produto do ambiente e nem um simples resultado de suas disposições internas, mas, sim, uma construção própria que vai se produzindo, dia-a-dia, como resultado da interação entre esses dois fatores [...].

É na visão de construção que o trabalho docente se encaminha exigindo habilidades específicas, de saberes e competências que distingue a *técnica*, instrumentos que possibilitam a realização eficiente de ações, do *método*, caminho para se chegar a um fim, um objetivo.

É preciso pensar que o educador competente é um educador comprometido com a construção de uma sociedade justa, democrática, na qual saber e poder tenham equivalência enquanto elementos de interferência no real e na organização de relações de solidariedade, e não de dominação, entre os homens [...] (RIOS, 2002, p. 65).

Essa competência preconizada por Rios torna o professor apto a criar situações favoráveis em que se estabeleça a reciprocidade intelectual e a cooperação moral e racional dos educandos na ação pedagógica que envolve dois pólos, a saber: o ensino e a aprendizagem.

Essa ação pedagógica tem suas representações no professor (ensino) e no aluno (aprendizagem), visto que para o construtivismo o educando "[...] é sujeito de sua própria aprendizagem, o que equivale a dizer que ele atua de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia [...]" (ROSA, 2000, p. 48).

É na postura de investigador, pesquisador, orientador, coordenador das atividades promovidas junto ao corpo discente que o professor fomenta a independência, a necessidade do saber, no testemunho de uma falta, de uma ausência resultante do processo de desequilíbrio-equilíbrio promovido por ele e tão necessário para a efetivação da aprendizagem.

Perrenoud (2003, p. 32) explicita que "[...] deve-se criar situações de aprendizagem muito mais do que dar aulas [...]. Ensinar é, sobretudo, pôr-se em trabalho, propondo e regulando tarefas portadoras de aprendizagem [...]". A sociedade contemporânea exige um novo modelo de escola, o de centro socializador, onde o educando faz as leituras e interpretações do mundo em que vive, a partir da mediação do educador.

Mediação esta que conforme Matui (1995, p. 187) "[...] é o elo entre o sujeito e o objeto de aprendizagem, é um processo que possibilita a assimilação, a acomodação e organização do sujeito [...]", posto que o ensino resulta do esforço, da pesquisa, da investigação, do ensaio e do erro na busca de solucionar os problemas, na construção e revisão de hipóteses sobre o conhecimento, consistindo em processos de aprendizagem.

Esses processos encontram no planejamento lugar estratégico para sua aplicação dentro de um roteiro pensado com a

intenção de provocar os desequilíbrios necessários para a construção do conhecimento na perspectiva construtivista.

A relação traçada entre aluno, professor e conhecimento encontra no planejamento das ações pedagógicas o suporte para a postura construtivista através do ambiente escolar que se mostra multidimensional, tendo a Biblioteca Escolar valor de mediação quando o professor apresenta os materiais didáticos e sugere as mais diversas atividades que contemplam a construção das aprendizagens de seus educandos.

3 PLANEJAMENTO PARA A PRODUÇÃO DO PLANO DE AULA

O ato de planejar requer objetividade resultante das observações, anotações, análises e interpretações precisas e pertinentes dos fatos permitindo a exposição de propostas e soluções adequadas aos problemas que junto à operacionalidade, a capacidade viável, factível, executável dentro do tempo, de acordo com as circunstâncias, métodos e recursos propostos, tornam-se características essenciais para a realização das atividades pedagógicas.

No planejamento a orientação efetiva da ação, de forma clara, dentro de uma especificidade, exequibilidade, precisão e simplicidade decorre da responsabilidade de quem o executará, o que será feito e em que momento e com que objetivo será realizado.

Diante disto fica evidente que para se planejar uma ação é necessário se questionar quanto ao quê, por que, para que, quando, como, onde, para quem, com quem, as atividades abstraídas serão

efetivadas, visto que a idéia de homem em sua problemática social requer questões não somente pedagógicas voltadas para a dimensão técnica, mas também para a sociedade como um todo, para a dimensão política. A este respeito adverte Rios (2002, p. 67)

[...] É preciso garantir a idéia de que a dimensão técnica também carrega a ética. [...] A ética é a mediação, mas também síntese da técnica e da política. Ela está expressa na escolha técnica e política dos conteúdos, dos métodos, do sistema de avaliação, etc., ou ela tem de desvendá-los. O educador enquanto profissional é portador de valorização em sua prática.

Sendo assim, a transformação do cotidiano escolar se dá pelas aspirações dos educadores, na promoção de idéias amplas e profundas que resgatem o sentido social do trabalho escolar e levem a superação do mero domínio cognitivo da informação, colocando-os na condição de mediadores. E nessa condição devem contemplar os objetivos de ensino dos conteúdos em sua totalidade – conceituais, procedimentais e atitudinais – sem dar primazia apenas ao aspecto conceitual, como é comum na prática docente.

Essa postura requerida dos educadores depende em grande parte de uma nova visão do planejamento que considere aspectos enfatizados por Gandin e Cruz (1995) tais como a definição e busca da própria identidade (pessoal e de grupo); a apropriação de instrumentos para participar da e na sociedade; e, a aceitação de algum tipo de transcendência. Com estes aspectos incorporados, é possível ao educador transformar sua prática, e, conseqüentemente, as estruturas da educação e da sociedade. Corroborando com Rios (2002, p. 66) “[...] Trata-se de aproveitar o espaço existente na sociedade civil

para seu fortalecimento e para a transformação necessária na estrutura social [...]”.

Uma vez que esse educador assume uma nova postura em que (re)conhece o seu papel, a sua reflexão para execução do planejamento vai culminar na materialização do plano de aula, que é em última análise a orientação para o que fazer no cotidiano escolar. Como uma necessidade do professor o plano de aula possui dimensões e elementos repetidos diversas vezes, em conformidade com a estimativa do tempo disponibilizado. Estas dimensões e elementos são relatadas por Vasconcelos (2002) como a análise da realidade que contempla os elementos assunto e necessidade; a projeção de finalidades que contempla os objetivos; e, a forma de mediação que se dá pelos elementos metodologia, tempo; recursos, avaliação, tarefa, observações.

Tudo é pensado o tempo, as atividades, os imprevistos. E a biblioteca terá espaço no plano de aula no momento em que o educador pensar na pesquisa, na prática de leitura como uma atividade de aprendizagem para seus educandos, posto que “[...] o ambiente físico e social, no construtivismo, tem um verdadeiro valor: ser um dos pólos da interação sujeito/objeto. O ambiente é o *lócus* da mediação construtiva de conhecimentos e da personalidade.” (MATUI, 1995, p. 194, grifo do autor).

Logo, pensar a Biblioteca Escolar como esse ambiente de mediação é promissor, na medida em que há em seu espaço físico uma infinidade de recursos materiais para o planejamento e a produção do plano de aula contemplando a aquisição de conhecimentos que

propiciem aos educandos o manuseio da informação de forma a satisfazer suas necessidades de aprendizagem.

4 A FUNÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NO PLANEJAMENTO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

A biblioteca como instituição milenar que durante séculos garantiu a sobrevivência dos registros do conhecimento humano, tem agora seu potencial reconhecido como partícipe fundamental do processo educativo, e pode contribuir efetivamente na preparação de crianças e jovens para viverem no mundo contemporâneo, em que a informação e o conhecimento assumem posição de destaque.

As instituições de ensino encontram assim na biblioteca, espaço naturalmente destinado às descobertas, o ambiente propício que contribui sobremaneira para o cumprimento do seu papel: ensinar a aprender, que é segundo Bagno (1998, p. 14) “[...] criar possibilidades para que uma criança chegue sozinha às fontes de conhecimento que estão à sua disposição na sociedade [...]”.

Para que esse papel se cumpra é imprescindível a presença da biblioteca na escola como instituição que reúne, organiza e dissemina a informação, posto que nela estão reunidos “[...] os recursos informacionais [que] irão se constituir num rico manancial para propiciar o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para viver e conviver na sociedade da informação.” (KUHLTHAU, 2004, p. 10)

Neste sentido, ela deve servir de suporte aos programas educacionais, integrando-se à escola de maneira dinamizadora, implementando todas as suas funções, a saber: informativa, educativa, cultural e recreativa, contemplando assim o objetivo da educação que é preparar a criança e o jovem para a pesquisa, pelo conhecer e o sensibilizar. E nessa tarefa a responsabilidade de integração dos recursos materiais e humanos para desenvolver o cidadão consciente de seus direitos e deveres é de todos os profissionais da educação.

Nessa perspectiva de busca, de promoção do equilíbrio e equilíbrio propicio à construção do conhecimento que Perrotti (2005 apud CHIBLI, 2005, p. 43) aponta a biblioteca como

[...] ambiente de informação, destinado não somente ao acesso, mas, sobretudo, as aprendizagens informacionais e culturais próprias e específicas dos tempos atuais, de excesso de informação. As escolas precisam tomar consciência desse fato e introduzir tais preocupações em suas agendas, com urgência.

Dessa forma, a escola como promotora da formação integral do indivíduo precisa definir seu princípio geral a partir da autonomia, equilíbrio pessoal e do tipo de relação interpessoal que pretende para seus educandos, por meio de objetivos que abranjam além das capacidades cognitivas as demais capacidades, mobilizando a trama de comunicações que se estabelece em sala de aula e definindo os papéis de professor e aluno, pois tudo que se aprende é para alcançar determinada meta que perpassa por "[...] atividades, e as seqüências que formam terão um ou outro efeito educativo em função das características específicas das relações que possibilitam." (ZABALA, 1998, p. 89).

Uma vez definido este importante princípio em seu projeto político-pedagógico, resta à escola incentivar todos os envolvidos no processo educativo a exercitar todas as diretrizes estabelecidas nesse documento inserindo sempre que possível à biblioteca nas ações ou atividades que possam ser desenvolvidas, uma vez que esta se constitui no espaço por excelência apto a promover experiências criativas de uso da informação.

Sendo dever da escola a promoção de oportunidades de aprendizagens que dêem aos estudantes condições de aprender a aprender, permitindo-lhes a gestão de seu próprio educar durante a vida inteira, tornando-se importante Segundo Kuhlthau (2004, p. 19) "[...] que as atividades desenvolvidas em sala de aula exijam que os alunos utilizem as habilidades para usar a biblioteca e a informação que estão adquirindo."

A atuação da Biblioteca Escolar é de caráter fundamental na busca e alcance da qualidade na educação formal, pelas possibilidades que pode criar para a concretização dos objetivos do ensino, uma vez que esta não é uma instituição independente, é parte integrante da escola, e sendo assim sua atuação deve estar de acordo com as diretrizes da escola, possuindo estreita ligação com a concepção educacional adotada por esta última. Comenta Milanesi a este respeito (2002, p. 46) que "[...] Educação e biblioteca firmaram-se como elementos inseparáveis. E ambas [estão] voltadas para a construção de uma sociedade conforme os valores coletivos do momento."

A escola se preocupa com o desenvolvimento pessoal do educando, sua liberdade, sua contínua aprendizagem, sua identidade,

seu convívio com as diferentes culturas e a extensão do ensino para além da sala de aula. Essa preocupação se estende a Biblioteca Escolar que deseja poder colaborar e assumir um real posicionamento diante do ensino, uma vez que

Ensinar a aprender, então, é não apenas mostrar os caminhos, mas também **orientar** o aluno para que desenvolva um olhar crítico que lhe permita desviar-se das "bombas" e reconhecer, em meio o labirinto, as trilhas que conduzem às verdadeiras fontes de informação e conhecimento. (BAGNO, 1998, p. 15, grifo do autor)

É na prática, no contato com as diferentes fontes de informação, no exercício da habilidade de leitura, na pesquisa e na seleção da informação que o educando se torna um consciente selecionador, capaz de escolher dentre o que está disponível o que é realmente relevante.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 45) sugerem que

[...] a escola seja um espaço de formação e informação, em que a aprendizagem de conteúdos deve necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia das questões sociais marcantes e em um universo cultural maior [...].

Observa-se neste comentário que o sujeito da aprendizagem deve ser ativo, e encontrar na escola os caminhos para sua inserção na sociedade.

O paradigma interacionista permite uma nova perspectiva de ensino que liberta o aluno do princípio do ensino programado, da visão reducionista de depósito de conhecimento transmitido por um detentor deste. Tem-se então

A abordagem construtivista [que] integra, num único esquema explicativo, questões relativas ao desenvolvimento individual e a pertinência cultural, à construção de conhecimentos e à interação social. Considera [que] o desenvolvimento pessoal e a aprendizagem da experiência humana culturalmente organizada, ou seja, socialmente produzida e historicamente acumulada, não se excluem nem se confundem, mais interagem [...] (BRASIL, 2001, p. 52).

A Biblioteca Escolar neste paradigma serve como ponte entre a educação formal, não-formal e permanente, compatível com a realidade da atual sociedade, pois oportuniza a aquisição personalizada de conhecimento, segundo as motivações de cada educando.

Logo, a premissa aqui defendida é a melhoria da Biblioteca Escolar como ponto estratégico para a melhoria na qualidade do ensino, visto ser aquela elemento essencial para atingir essa qualidade almejada, libertando os alunos do limitado espaço do livro didático.

Para tanto, a Biblioteca Escolar precisa assumir o papel de laboratório de aprendizagem e de centro educativo promovendo a efetivação do aspecto interativo entre esta e a escola, diante do fato que a segunda abriga a primeira, evidenciando uma relação que permita o nascimento e desenvolvimento da biblioteca integrada à prática de ensino da escola.

Unindo forças, a escola e a Biblioteca Escolar têm mais chances de abarcar recursos, mobilizar novos e antigos usuários, incentivar o uso, ampliar e dinamizar a ação da biblioteca garantindo assim, a melhoria da qualidade de ensino.

O professor desempenha um papel importante para o êxito da Biblioteca Escolar no Ensino Fundamental, já que como parte ativa

na escolha das aquisições, estabelece e executa programas que diz respeito a seus alunos, agindo de maneira que esta tenha seu lugar na atividade cotidiana dos seus discentes.

Em contrapartida a Biblioteca Escolar interagindo com o corpo docente de forma harmoniosa pode cooperar na formação de várias atitudes, como o hábito de utilizar informação; o hábito de pesquisar; o gosto pela leitura; o hábito de usar a biblioteca; o desenvolvimento do pensamento crítico; a motivação para a educação permanente.

O entrosamento entre o bibliotecário e o professor determina a qualidade do funcionamento da Biblioteca Escolar. O relacionamento das duas partes converge para a realização de um trabalho de cooperação e participação que resulta na melhoria do processo ensino-aprendizagem, lembrando que o professor é quem planeja o ensino, e esse planejamento repercute na distribuição do tempo acadêmico dos alunos.

Caso o professor não use a biblioteca para leituras, e não encoraje os alunos a imitá-lo, perderá o momento adequado para construir o hábito de pesquisa pessoal e de análise crítica dos fatos, corre o risco de que muitos educandos jamais venham a conhecer o gosto e prática da leitura, pois o educador do Ensino Fundamental das séries iniciais é o adulto cujo exemplo tem a maior influência nessa fase de formação.

[...] Afinal, existem muitas coisas que quando não são aprendidas bem cedo, deixam sempre "buracos" na formação do indivíduo. Boas maneiras, por exemplo. Tolerância, compaixão, espírito crítico, independência de opinião, amor ao próximo... E o mesmo acontece com o hábito de pesquisa. (BAGNO, 1998, p. 16, grifo do autor)

O posicionamento da biblioteca frente ao professor é importante para que este usufrua dos benefícios que aquela pode promover dentro da escola. Não esquecendo que esse usuário deve ter garantido recursos que atendam e apoiem o seu trabalho fomentando a parceria necessária para a conquista de novos usuários, sobretudo alunos, contando com o incentivo deste ao uso da biblioteca.

Sales (2004, p. 52) explicita que

[...] dentre as funções da Biblioteca Escolar o Manifesto [da UNESCO] sugere como essencialmente necessário para o bom desenvolvimento da leitura e escrita, da capacidade informativa e da educação, ações como: apoio aos programas de ensino; incentivo ao gosto pela leitura e pela frequência e utilização de bibliotecas, possibilidade de criação, utilização de informações variadas e em qualquer suporte, possibilitando a comparação de informações e formação de opinião própria; atividades que estimulem ações culturais e sociais.

Portanto, é somente por meio de um trabalho integrado e coerente entre comunidade escolar e biblioteca que esta última pode se transformar num centro de informações educativas que satisfaça às demandas de seus usuários e não usuários. Contudo, é importante que o professor seja acolhido em seu triplo papel de usuário, facilitador e parceiro.

5 A ATUAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ESCOLA PESQUISADA

O estudo se caracteriza como de natureza teórica empírica fundamentada na dialética possibilitando à análise do comportamento dos sujeitos pesquisados, no caso as professoras dos ciclos iniciais

da Instituição Educacional da Rede Privada pesquisada. Adotou-se a pesquisa de campo para que se pudesse aprofundar no cotidiano das educadoras, objetivando a análise da Biblioteca Escolar como recurso pedagógico na elaboração do plano de aula, produto do planejamento que estipula o tempo acadêmico e das atividades e conteúdos a serem desenvolvidos com o corpo discente.

Esta pesquisa tem a finalidade de explorar e descrever o ambiente educacional no convívio com os agentes da comunidade escolar, para relatar as atitudes tomadas pelas professoras quanto ao espaço, pessoal e acervo da Biblioteca Escolar na construção das atividades pedagógicas.

Os instrumentos adotados na pesquisa de campo para a coleta de dados foram: o questionário, elaborado com perguntas fechadas e abertas para que se pudesse constatar a frequência e uso efetivo da Biblioteca Escolar pelos docentes na elaboração do plano de aula; a entrevista, que possibilitou conhecer os motivos do uso ou não do ambiente e do acervo da Biblioteca Escolar e a observação que confirmou os dados relatados no questionário e na entrevista.

Todos os procedimentos citados fundamentaram o estudo de caso que foi realizado na Instituição de Ensino Fundamental e Médio da Rede Privada, que teve como delimitação os ciclos iniciais (1ª a 4ª série), em um universo de 17 (dezesete) professoras distribuídas nos turnos matutino e vespertino, de onde se retirou uma amostra de 10 (dez) professoras do turno matutino, das quais se estudou o comportamento perante o uso da biblioteca.

A Biblioteca Escolar pesquisada denomina-se *Oficina do Saber*, um nome bastante apropriado, já que a escola na qual se integra tem uma postura construtivista. E conta com um espaço físico (81 a 200m²) apropriado ao desenvolvimento das atividades que fomentam a aprendizagem.

O acervo da biblioteca é constituído de: obras de referências (enciclopédias, dicionários, guias, entre outros), livros, periódicos (revistas, jornais, gibis), vídeos, CD's sonoros, CD-ROM's (multimídia), DVD's, fitas sonoras (K-7), mapas, telas, gravuras, desenhos, aquarelas, pôsteres e jogos pedagógicos. Abaixo segue fotos ilustrando a utilização de jogos pedagógicos pelas professoras.

Seu funcionamento ocorre das 7h às 18h, contando com um quadro funcional formado por: uma bibliotecária, duas auxiliares de biblioteca e uma estagiária do Curso de Biblioteconomia. A responsável pela biblioteca é Bacharel em Biblioteconomia, graduada em 1999, tendo participado frequentemente de cursos de atualização na área educacional através de seminários, palestras, debates, congressos, entre outros.

Na aplicação do questionário a bibliotecária respondeu que participa das reuniões pedagógicas, realizando atividades em conjunto com o corpo docente através do planejamento. Desta forma, têm-se atividades promovidas pela biblioteca junto ao corpo discente objetivando apoiar o processo ensino-aprendizagem, a saber: orientação à pesquisa, orientação ao uso dos recursos da biblioteca, conferências, debates, palestras, divulgação da biblioteca, projeção de filmes, exposição, gincana cultural, rodas de leitura, hora do conto, concursos literários,

feira de livros, animação cultural, encontro com autores locais, feira cultural, reprografia, empréstimo de livros da literatura infantil e infanto-juvenil.

Para o corpo docente são promovidas atividades como: orientação à pesquisa, orientação ao uso dos recursos da biblioteca, conferências, debates e palestras, cursos, levantamento bibliográfico, normalização de documentos, empréstimo de materiais da biblioteca, disseminação seletiva da informação (através de circulação de periódicos, sumários correntes, publicação bibliográfica), pesquisa na Internet e reprografia¹.

Na auto-avaliação da biblioteca quanto à contribuição prestada pela mesma à consecução dos objetivos da escola, a bibliotecária considera relevante e justifica relatando que: "[...] estamos contribuindo de forma direta na formação do aluno e dando suporte aos professores na execução de seu trabalho enquanto educador." (bibliotecária responsável pela Biblioteca Escolar *Oficina do Saber*).

Ao serem questionados sobre a prática docente todas as professoras investigadas afirmaram participar de cursos de capacitação (100%). Quanto à formação todas possuem nível superior em curso de Pedagogia e Letras, sendo que 25% destas já possuem e/ou estão cursando uma pós-graduação na área educacional. As professoras desta escola fazem valer o texto da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9394/96, no seu artigo 62 que diz

¹ Todas as atividades listadas para o corpo docente quanto para o corpo discente constam do questionário aplicado às professoras e serão mais a frente analisados e confrontados.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (SAVIANI, 1998, p. 181)

Na utilização da Biblioteca Escolar foi unânime (100%) a afirmação quanto à utilização da mesma, variando apenas quanto à frequência em que 67% declararam ser diária, e 33% semanal.

Dos objetivos citados pelas professoras para usarem a biblioteca obteve-se 75% de respostas para a pesquisa, 17% para o item outros, em que listaram o empréstimo de materiais, a leitura, e o incentivo ao corpo discente para realização de leituras e pesquisas como os principais objetivos para a utilização da biblioteca, e apenas 8% citaram o lazer como objetivo principal para o uso. Estes índices demonstram que as docentes acreditam, em sua maioria, que a Biblioteca Escolar tem como objetivo principal a pesquisa. Contudo, na observação diária percebeu-se que aos poucos estas começavam a experimentar o lado prazeroso da leitura sem compromisso.

Quanto à participação da bibliotecária nas reuniões pedagógicas, as docentes confirmaram a presença dela em todos os eventos realizados, uma vez que todos eles ocorrem na Biblioteca Escolar, e que ela, portanto sempre participa dessa atividade.

Sobre a promoção de atividades em conjunto com a biblioteca todas as docentes afirmaram que aquelas que objetivam o processo ensino-aprendizagem no ambiente da biblioteca são planejadas em parceria pelos dois profissionais que discutem todas as formas de

utilização do acervo da mesma, demonstrando assim que na escola ocorre uma relevante interação entre Biblioteca Escolar e corpo docente.

As atividades desenvolvidas pela Biblioteca Escolar são direcionadas para dois públicos distintos, os professores e os alunos. Aquelas destinadas ao corpo discente são trabalhadas em conjunto com o corpo docente da escola com a intenção de estimular o uso dos recursos materiais, físicos e humanos da Biblioteca Escolar *Oficina do Saber*.

Esse trabalho revela a integração existente entre a Biblioteca Escolar e os profissionais da educação em virtude da escola estar alcançando uma maior qualidade no processo ensino-aprendizagem na visão de toda a comunidade escolar, sobretudo no Ensino Fundamental.

Todas as professoras investigadas citam os mesmos serviços e atividades que foram declarados pela bibliotecária da escola, o que revela uma compatibilidade nos discursos e ainda que as docentes não só conhecem todos os serviços e atividades promovidas pela biblioteca como o utilizam.

Das atividades promovidas para as professoras no apoio ao processo de ensino aprendizagem, o destaque é para o empréstimo de materiais da biblioteca, com 19% das indicações; seguida pela orientação à pesquisa, com 17%; a orientação ao uso dos recursos da biblioteca, com 16%; e por último a pesquisa na Internet, com 14%, a qual é realizada pelas docentes em terminais instalados na biblioteca.

Do rol de serviços elencados pelas professoras, houve grande destaque para o projeto Semana do Livro, demonstrando assim mais uma vez que as atividades e serviços desenvolvidos pela biblioteca são

conhecidos por toda a comunidade escolar e plenamente utilizados. A avaliação final das docentes no que diz respeito à contribuição da biblioteca para consecução dos objetivos da escola é considerada relevante pelas mesmas, como pode ser observado nos depoimentos transcritos abaixo:

É uma parceira que contribui para aprendizagem do discente (Professora A, 4ª série).

É um suporte necessário aos educandos e educadores (Professora B, 4ª série).

A biblioteca torna-se um instrumento de apoio pedagógico ao professor para este apresentar aos alunos recursos diversificados no dia-a-dia da sala de aula (Professora A, 3ª série).

A biblioteca auxilia o processo pedagógico, ampliando o conhecimento cultural dos alunos (Professora B, 3ª série).

Organização de horários, indicação de materiais para desenvolvermos determinadas aulas (Professora, 2ª série).

A contribuição da biblioteca é muito importante no nosso dia-a-dia (Professora, 1ª série).

Os relatos apresentados corroboram com a afirmativa de Sales (2004, p. 53) de que:

[...] os esforços devem estar buscando alternativas no sentido de envolver a biblioteca com a comunidade escolar e com a comunidade próxima como um todo, como um espaço pedagógico, educativo, inserido no ambiente escolar não apenas fisicamente, mas como um espaço comprometido com a função social da escola de contribuir para a formação de cidadãos críticos, conscientes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As formas a serem explorados os recursos da Biblioteca Escolar ficam a cargo do trabalho conjunto entre o professor e o

bibliotecário, profissionais que desempenham função essencial na aquisição e disseminação da informação que bem processada tornar-se-á em conhecimento construído pelo educando.

A integração desses profissionais gera um produto de qualidade invejável, na medida em que a sociedade contemporânea exige sempre mais qualidade dos serviços prestados a ela. Nessa perspectiva de qualidade que a escola pesquisada promove o incentivo quanto uma maior integração e relações internas mais sólidas para o desenvolvimento da atividade educativa prestada a sociedade, no caso em questão aos alunos do Ensino Fundamental, com a utilização de todos os seus recursos físico e humano da Biblioteca Escolar.

Essa mobilização para um bem comum tornou a Biblioteca Escolar visível a sua clientela interna, através das atividades promovidas e os recursos disponibilizados a toda comunidade escolar, em especial, aos docentes para suas tarefas cotidianas.

Apesar dos fatos relatados há uma certa resistência ao uso da Biblioteca Escolar em toda a sua potencialidade, porque de maneira sutil são criadas barreiras sedimentadas em idéias arcaicas que a Biblioteca Escolar é lugar de guarda, criando-se dessa forma mecanismos invisíveis de obstrução ao uso efetivo de seu ambiente e acervo.

Há no corpo docente uma falta de intimidade com a pesquisa, uma omissão que gera um afastamento deste com a biblioteca, uma vez que as pesquisas solicitadas aos alunos não são direcionadas e coordenadas de forma que viabilize a construção efetiva de conhecimento.

Outro fator percebido quanto ao mau uso da biblioteca é a visão que a direção possui desta como local ordeiro que viabiliza o acúmulo

de materiais, os mais diversos que não contemplam as atribuições de objetos do conhecimento que deva está sob a custódia do setor.

A quebra do paradigma de local de guarda é necessário para que seja substituído por um novo, onde a biblioteca desempenhe um papel importante no processo ensino-aprendizagem que congregue a guarda e, principalmente, a divulgação e disseminação do conhecimento acumulado pela humanidade a todos sem distinção.

Desta forma, não foi intenção deste estudo esgotar a discussão sobre o tema focalizado, mas sim atrair a atenção dos profissionais e docentes, da área da Educação e de outras áreas, para a questão da Biblioteca Escolar no contexto pedagógico.

Seria ousadia pensar que esta investigação encontrou soluções imediatas para as dificuldades relacionadas ao uso da Biblioteca Escolar nos diversos segmentos da escola. Entretanto, acredita-se que este estudo possa servir de subsídio para a práxis profissional e para o desenvolvimento de outras pesquisas relacionadas ao assunto em questão, estando aberto, também, a críticas e sugestões.

THE PERTAINING TO SCHOOL LIBRARY AS PEDAGOGICAL RESOURCE FOR ELABORATION OF THE LESSON PLAN

ABSTRACT

The study of the pertaining to school library as resource for elaboration of the lesson plan it is a research on the behavior of the faculty of Basic Ensino with regard to the effective use

of the resources of the library, that if gave through questionnaires, informal interview and direct comment of the pertaining to school environment. Having the first part of the referencial research theoretical of the areas educational and biblioteconômica in the search of alicerçar the field research. The analysis of the data had theoretical basement how much the importance of the joint work of the professional librarian and the professor of the initial series how much to the effective use of the library in the pedagogical activities.

Keywords: Pertaining to school library. Planning. Teaching formation.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1998.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculos nacionais.** 3. ed. Brasília, DF: MEC/SEF, 2001.
- CARRETERO, Márcio. **Construtivismo e educação.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
- CHIBLI, Faeze. **Patinho Feio.** *Revista Educação*, São Paulo, ano 9, n 99, p.36-45, jul. 2005.
- GANDIN; Danilo; CRUZ; Carlos H. Carvalho. **Planejamento na sala de aula.** Porto Alegre: Editora La Salle, 1995.
- GOMES, Candido Alberto da Costa. **Dos valores proclamados aos valores vividos.** Brasília, DF: UNESCO, 2001. (Cadernos UNESCO Brasil: Série Educação, v. 7)
- KUHLTHAU, Carol. **Como usar a Biblioteca Escolar: um programa de atividades para o ensino fundamental.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATUI, Jiron. **Construtivismo: teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino.** São Paulo: Moderna, 1995.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? como planejar?** Currículo, área, aula. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MILANESI, Luís. **Biblioteca.** São Paulo: Ateliê Editorial. 2002.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986. (Temas Básicos de Educação e Ensino).

PERRENOUD, Philippe. **O ensino não é mais o mesmo! Presença Pedagógica,** Belo Horizonte, v. 9, n. 50, p. 31-33, mar./abr. 2003.

RIOS, Terezinha Azarêdo. **Ética e competência.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002 (Coleção Questões da Nossa época, v. 16).

ROSA, Sanny S da. **Construtivismo e mudança.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 29).

SALES, Fernanda de. **O ambiente escolar e atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia.** *Revista Eletrônica Ciência da Informação.* Florianópolis, n. 18, 2º semestre 2004. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edição_18/3_o_ambiente_escolar.pdf>. Acesso em: 25. ago. 2005

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1998 (Coleção Educação Contemporânea).

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico.** São Paulo: Libertad, 2002.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Tradução: Emami F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed. 1998.

BIBLIOTERAPIA:

uma alternativa na construção de uma nova sociedade

Tiago Lincka de Sousa

Estudantes do 5º período do Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Mostra que a biblioterapia admite a possibilidade de terapia por meio da leitura. Fala sobre o surgimento da biblioterapia através do tempo. Elenca alguns conceitos, objetivos e métodos desse tipo de terapia. Apresenta a importância do profissional bibliotecário atuando junto à profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, em prol da cura, da auto-estima e confiança das pessoas. Finaliza com a responsabilidade social do profissional da informação, uma vez que, este profissional é um educador, além das outras diversas funções que ele pode exercer. E, é desta forma, através da educação, que poderemos fazer deste, um país mais justo, crescendo a cada dia, em prol da democracia.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Terapia. Interdisciplinaridade. Profissional da informação. Responsabilidade social.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre biblioterapia não se trata de dizer que existe uma nova ciência, embora esta ainda seja um pouco desconhecida. A terapia através da leitura vem desde o surgimento do pergaminho e do alfabeto. Porém, a terminologia biblioterapia, é aproximadamente, proveniente do século XIX. Nos Estados Unidos é conhecida como *book*

therapy e entre os franceses de *livre thérapie*. Não é de hoje, que as pessoas buscam numa boa leitura a chave para entender os problemas da vida, para sabermos lidar com nossas dificuldades naturais do cotidiano. Portanto, o livro deve ser bem selecionado pelo leitor de acordo com a ocasião, com o auxílio de um bibliotecário; para que o leitor se descubra dentro das páginas do livro e encontre em cada palavra, uma possível solução dos seus problemas. Terapia significa cuidar no sentido mais amplo da palavra, é ter atenção, percepção, objetivando a cura desejada.

A filosofia, por exemplo, era vista por Sócrates como uma terapia intelectual e pessoal, a qual ajudava os homens a cultivarem o hábito pela leitura e conseqüentemente, sua inteligência interior. Um ato terapêutico consiste num simples cuidado de uma pessoa para com a outra. Além da leitura de bons livros, é um método terapêutico alimentar-se bem e em casa, estar com os familiares e amigos, e até mesmo a interação com a natureza.

A leitura é um método de cura e uma forma privilegiada de entender melhor as adversidades do mundo. Cabe aos profissionais bibliotecários, a responsabilidade de realizarem uma análise crítica das informações contidas nos meios de leitura passando a utilizar estas informações de uma maneira criativa, incentivando em seu usuário, o interesse pela leitura. Uma vez que, esta é uma das únicas alternativas de fazer com que o Brasil cresça e se desenvolva, influenciado por um novo modo de pensar e agir das pessoas. É nesta responsabilidade que consiste uma das principais obrigações do bibliotecário, lutar em prol da melhoria de seu país.

2 UM POUCO DE HISTÓRIA DA BIBLIOTERAPIA

Desde a Roma antiga já se fazia o uso da leitura com fins terapêuticos, como por exemplo, a Bíblia, que foi usada para que os jovens se preparassem bem para a vida, o que lhes proporcionava um conforto e cura espiritual, fazendo assim a biblioterapia pessoal.

No século XVIII, foi criado o movimento filantrópico que levou a leitura aos hospitais, para fins terapêuticos. Na mesma época em que o filósofo francês Jean-Jacques Rousseau escreveu o romance auto-terapêutico *Émile*.

Conforme Vicente (2005), John M. Galt, século XIX, defendia que a leitura:

Afastava os pensamentos menos saudáveis;

Informava;

Proporcionava divertimento;

Melhorava a atitude dos pacientes perante as doenças;

Mostrava o interesse e atenção que o hospital tinha pelos pacientes.

Mesmo com todos os métodos biblioterapêuticos já adotados no decorrer do século XVIII, ou seja, a leitura como terapia, foi somente na primeira parte do século XIX, mais precisamente na América do Norte, que a "biblioterapia" surgiu, relacionada a biblioteca e ação terapêutica. Existem inúmeras discussões sobre as origens do termo biblioterapia, porém ainda de acordo com VICENTE (2005), estudos mais recentes dos profissionais da área, aceitam Samuel Mechord Grothers como o criador da palavra em 1916, em artigo publicado no

Atlantic Monthly, mas ainda assim, existindo diversas confusões sobre essa terminologia. Já Marie-Madeleine Famim, em 1936, definiu a função da leitura enquanto Biblioterapia, tendo como objetivos: dar prazer e distração aos pacientes, estabelecer a ligação entre a imaginação e a realidade, e por fim, promover a auto-estima do paciente, para sua formação moral e espiritual.

Segundo Pereira (1996), as primeiras experiências adotadas com a biblioterapia foram feitas por médicos americanos de 1802 a 1853, indicando que uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados era a leitura de livros bem selecionados e adaptados às necessidades de cada um. Contudo, não se sabe ao certo a verdadeira data do surgimento do termo e das definições acerca da Biblioterapia, cada teórico defende a sua tese. Ainda de acordo com a autora, podemos afirmar que seu surgimento se deu em torno do século XIX e XX.

Portanto, foi a partir do século XX, no ano de 1904, que a biblioterapia passou a ser considerada como um ramo da biblioteconomia. Esse acontecimento se dá quando uma certa bibliotecária assumiu a direção de uma biblioteca em Massachusetts, resolvendo fazer experiências próprias, obtendo resultados satisfatórios. Os profissionais bibliotecários assumiram a biblioterapia como uma atividade ocupacional e recreacional, deixando um pouco de lado a atividade terapêutica para tratamentos de doentes em hospitais. "Cumpramos ressaltar que, para se entender a evolução da Biblioterapia, em sua forma comum atual de leitura dirigida e discussão do grupo, devemos nos aprofundar na biblioteconomia e na Psicologia." (PEREIRA, 1996, p.38)

Hoje a biblioterapia é compreendida como uma área de crescimento e transição, que promete muito, uma vez que é uma atividade inteiramente interdisciplinar, pois abrange diversas áreas do conhecimento, como por exemplo, a biblioteconomia, psicologia, pedagogia, medicina, dentre outras. E se os biblioterapeutas¹ praticarem profissionalmente a biblioterapia e fizerem mais estudos detalhados na área, usando tanto a imaginação quanto o senso crítico, a biblioterapia só tende a crescer cada vez mais, prosperando para o bem de todos os envolvidos.

3 O QUE É BIBLIOTERAPIA?

De acordo com Pereira (1996), a palavra biblioterapia é oriunda do grego cujo significado é *Biblion* – livro e *Therapia* – tratamento, ou seja, tratamento através de livros. Ferreira (2003) diz que “*biblio* é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e *terapia* significa cura ou restabelecimento”. Todavia, este termo não foi bem aceito, Pardini (2002), achava que essa designação era muito ampla, e com isso buscou alguns termos mais restritos como: *biblio – diagnóstico para avaliação*, *bibliofilaxia como uso preventivo pela leitura*, *bibliogomia*, *biblioconselho* e até mesmo *terapia bibliotecária*. Dos mais diversos termos utilizados para a biblioterapia, alguns foram aplicados a novos campos, e a maioria surgiu devido à reclamações de que o termo era muito vago e restrito.

¹ Palavra utilizada com mais frequência na linguagem oral, com o princípio de definir o profissional que trabalha com a biblioterapia.

O prefixo *biblio* é limitado até mesmo nos dias de hoje, pois todos os tipos de materiais audiovisuais deveriam ser agregados como forma de terapia. Mas vale ressaltar que, alguns programas já adotam recursos audiovisuais na prática da biblioterapia. O sufixo *terapia* pode ser também uma escolha errada em meio as novas tecnologias, uma vez que o vocábulo *terapia* é restrito ao contexto da cura. Para Caldin (2001), Michael Glenn, é um terapeuta radical e define que “a terapia hoje é uma relação poderosa entre pessoas – uma para cima outra para baixo; ajudante e ajudado.” Porém, não deve existir hierarquia dentro da biblioterapia, tendo em vista que é um processo interdisciplinar, onde todos aprendem.

Apesar da palavra *terapia* seja restrita e possua sentido curativo, na verdade ela abrange muito mais do que a cura propriamente dita, a terapia implica em uma atitude de prevenção. Proveniente do sentido primário da palavra *terapeuta* que significa aquele que cuida, tanto do corpo quanto do espírito.

A biblioterapia é composta por alguns elementos, dos quais destacamos:

A *catarse*, que segundo Caldin (2001), pode ser entendida como pacificação, purificação, limpeza, serenidade e alívio das emoções. É nessa perspectiva que se enfoca a leitura de textos literários desempenhando uma função catártica. Catarse é “efeito salutar provocado pela conscientização de uma lembrança fortemente emocional e/ou traumatizante, até então reprimida” (FERREIRA, 1986, p.368);

O *humor*, conforme Freud apud Caldin (2001), é uma forma terapêutica por meio da leitura, uma vez que o humor é a rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transfo

3.1 Tipologia da Biblioterapia

De um modo geral, existem três tipos de biblioterapia, de acordo com os autores estudados, sendo elas:

Biblioterapia Institucional: que está relacionada com o uso da leitura didática, direcionada aos pacientes de um hospital. Inclui o uso médico tradicional da biblioterapia, onde os textos são de higiene mental e são recomendados a pacientes com deficiências mentais. O que requer uma situação bem delicada para a seleção e prescrição de livros. Este é um tipo de biblioterapia que deve ser desenvolvido pelos profissionais bibliotecários, juntamente com médicos e enfermeiras. O objetivo para este tipo de leitura é informativa e principalmente recreativa; este é um tipo de biblioterapia vem sendo praticada em menor escala atualmente, porém ainda existem alguns programas desse tipo desenvolvidos em clínicas e principalmente em hospitais.

Biblioterapia Clínica: refere-se a utilização da leitura imaginativa, com um grupo de clientes com problemas emocionais ou comportamentais. Este tipo de biblioterapia é liderado por um bibliotecário ou um médico, porém a união dos dois profissionais é de suma importância, pois gera melhores resultados para seus clientes. O ambiente da prática pode ser um instituto ou uma comunidade, tendo como objetivo uma possível mudança no comportamento dos clientes.

Biblioterapia Desenvolvimental: está ligada ao uso da literatura de modo imaginativo, didático, e recreativo, aplicada à grupos de indivíduos *normais*². Este grupo deve ser liderado por um bibliotecário,

² Expressão usada na linguagem oral, para se referir à pessoas que não possuem nenhum tipo de doença, seja ela física ou mental.

professor ou um outro profissional da área da educação. O principal objetivo da biblioterapia desenvolvimental é aliviar as pessoas de tensões e estresses do cotidiano, além de ajudá-las a suportar problemas como divórcio, gravidez indesejada, morte, preconceitos, dentre outros. Este tipo de biblioterapia também é conhecido como biblioterapia pessoal.

Atualmente a biblioterapia desenvolvimental vem sendo mais praticada que as outras. Pois de acordo com o cotidiano cada vez mais corrido e competitivo entre as pessoas, suas tensões, preocupações, obrigações e demais conseqüências desta realidade, aumentaram o número de pacientes que procuram na leitura, uma forma de descanso, tranquilidade e cura para tais problemas destacados acima.

4 BIBLIOTERAPIA E BIBLIOTECONOMIA: qual a ligação entre elas?

Ao falarmos de biblioterapia, logo pensamos em biblioteconomia, por que será? A terapia através da leitura está completamente relacionada com a biblioteconomia, e por sua vez está relacionada ao profissional da informação. Tendo em vista que livros, leitura, biblioteca, são termos presentes em nosso cotidiano. O bibliotecário é uma figura-chave na prática da biblioterapia, logo este tem um papel importantíssimo no processo biblioterapêutico.

Faz-se mister destacar que em 1955, na Conferência de verão, dos Estados Unidos Tews citado por Pereira (1996, p.66-67) diz:

Se o fator e o espírito de trabalho de equipe estão presentes, o bibliotecário pode tornar-se um membro realmente influente na equipe. Basicamente um educador, o bibliotecário não pode esquecer que a

própria educação e a dos outros é um processo contínuo e lento. É fácil, quando imbuídos no nosso trabalho, construirmos um ao redor dele. Entusiasmo é uma das mais caras e produtivas características humanas. Mas a perspectiva também é um dos grandes valores humanos. A história nos ensina. O coração também é freqüentemente um instrutor generoso e sábio. O uso de tudo isso favorece o alcance da perspectiva, que, é claro, está vendo o relacionamento das partes entre si e com o todo.

A importância do bibliotecário dar-se pela avaliação e seleção do material utilizado como instrumento para a biblioterapia, e pela avaliação, aplicação e acompanhamento do paciente e ou cliente. Diante disso, a responsabilidade consiste na boa preparação deste profissional, para que o processo seja aplicado de maneira eficaz, sem que o paciente sofra seqüelas e que os resultados obtidos sejam satisfatórios. Entretanto, vale salientar que, o profissional bibliotecário não é um anjo, não faz milagres e tampouco uma figura autoritária e ameaçadora. Ele é, ou pelo menos deveria ser, um instrutor, profissional amadurecido e responsável, que exerce competentemente uma tarefa importante.

Segundo Horne apud Pereira (1996), o programa de tratamento requer a figura tanto do médico, quanto do bibliotecário. Ao médico, caberia o diagnóstico, a responsabilidade de indicar o conteúdo da biblioteca, elaborar uma lista das leituras e manter discussões com o paciente sobre as leituras terapêuticas. Já ao bibliotecário, cabe a função de aquisição dos materiais, manutenção e distribuição dos mesmos, o reconhecimento dos livros emprestados aos pacientes, absorver e armazenar os comentários pós-leitura feitos pelos pacientes

e o relatório final com os resultados obtidos. Podemos reconhecer que, é tamanha a responsabilidade do profissional bibliotecário. O papel do bibliotecário na biblioterapia é definido, em grande parte, pela sua formação profissional específica o que faz com que sua interação com os profissionais de outras áreas seja ampla.

Podemos observar que Ferreira (2003) destaca algumas regras básicas para o bibliotecário, no processo geral de um programa de biblioterapia:

Ele deve selecionar um local adequado para que seja realizado os encontros do grupo;

Deve ter passado por um treinamento prévio, estando capacitado para conduzir as atividades e discussões do grupo;

Deve formar grupos e preparar a lista da materiais bibliográficos e audiovisuais, referentes às necessidades de cada grupo (idade, necessidades de nível cultural e social);

Deve selecionar materiais familiares aos participantes, adequados à realidade de cada um, para que haja uma maior interação entre a leitura e o leitor;

É importante que haja um equilíbrio entre o material impresso e o não impresso, para que a pessoa não se canse com um mesmo tipo de material.

Independente de todas essas dicas, é necessário que o bibliotecário exerça uma relação afetiva e amistosa com os participantes, para que os mesmos se sintam seguros, uma vez que eles já estão debilitados com a situação que o levou a praticar a biblioterapia.

4 RESPONSABILIDADE SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO

Em um país que infelizmente convive com dados deploráveis no âmbito das questões sociais, quando milhões de pessoas estão vivendo abaixo da linha de pobreza e com um índice altíssimo de analfabetismo, se faz necessário que todos os setores da sociedade trabalhem unidos, em busca de soluções para estes tipos de problemas.

Tendo em vista o quadro acima, o bibliotecário não pode e tampouco deve se excluir deste processo, e sim lutar em prol de um Brasil melhor. Somos um profissional com um largo campo de trabalho, que começa nas áreas mais técnicas, chegando até as áreas sociais, quando (PARDINI, 2002, p. 8) diz: "Olhe quanta coisa podemos fazer, além de sermos classificadores, catalogadores, disseminadores, organizadores, gerenciadores, educadores, até chamados de arquitetos da informação, porque trabalhamos com ela nos mais variados suportes". Portanto, não podemos nos contentar em sermos meros guardadores de livros em estantes, sentados numa biblioteca, esperando o tempo passar. Temos que atuar na educação, na mudança de postura das pessoas, na quebra de paradigmas, contudo, na construção do conhecimento, uma vez que nosso produto é a informação. Com isso, podemos ser formadores de opinião, levando através da informação, o conhecimento para as pessoas, e sobretudo gerando nas pessoas o censo crítico.

Tais fatores, são imprescindíveis à mudança da nossa realidade quanto às questões sócio – econômicas. O bibliotecário, sendo um educador, é capaz de trabalhar em parceria/conjunto com

profissionais de diversas áreas, objetivando a melhoria deste quadro. Tendo em vista que a educação é a base para todo indivíduo, numa convivência em sociedade. Logo, o profissional da informação pode trabalhar a questão da educação/informação através da biblioterapia, uma vez que esta é uma atividade interdisciplinar.

Todavia a biblioterapia é apenas uma das diversas alternativas de proporcionar lazer, cultura e conhecimento à um determinado grupo da sociedade. E, o bibliotecário realizando esta atividade de maneira correta, com certeza estará auxiliando a população no processo de construção do conhecimento. Pois, é somente através da educação que podemos realizar a mudança de um país, transformando assim o Brasil em um "país de todos", vigorando a verdadeira democracia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, pode-se observar o quão amplo é o campo da biblioterapia. Sendo uma atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em parceria com a medicina, psicologia, educação, enfermagem, literatura e a própria biblioteconomia. Esta interdisciplinaridade proporciona à biblioterapia um lugar de muito destaque no cenário atual dos estudos culturais. E, tendo como objetivo, uma maior troca de informações entre essas áreas do conhecimento, visando uma aplicação mais eficiente da biblioterapia. Transformando pessoas e gerando formadores de opiniões.

O bibliotecário é a peça fundamental em todo o processo da biblioterapia, atuando como líder e moderador das atividades. Uma vez que, este, é bem preparado para lidar melhor com as pessoas. E, o papel e grande desafio do profissional da informação é curar os pacientes de um mal que aflige a maioria da nossa sociedade: a falta de leitura e, conseqüentemente, a falta de cultura e conhecimento.

Portanto, somos profissionais privilegiados por podermos atuar de forma tão grandiosa, e em diversas áreas. Somos os profissionais e disseminadores da informação.

BIBLIOTHERAPY:

an alternative in the construction of a new society

ABSTRACT

Shows that the Bibliotherapy admits the therapy possibility through the reading. Speech on the appearance of the Bibliotherapy through the time. Approach some concepts, objectives and methods of that therapy type. It presents the professional librarian's importance acting to professionals of the most several areas of the knowledge close to, on behalf of the cure, of the self-esteem and the people's trust. It concludes with the professional's of the information social responsibility, once, this professional is an educator, besides the other several functions that this can exercise. And, it is this way, through the education, that we can do of this, a fairer country, growing every day, on behalf of the democracy.

Keywords: Bibliotherapy-reading. Bibliotherapy-therapy. Professional of the information. Social responsibility.

REFERÊNCIAS

- CALDIN, Clarice F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n.12, dez.2001. Disponível em: <<http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro/bibli12/caldin.html>>. Acesso em: 17 mar. 2005.
- FERREIA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. *Educação temática digital*, Campinas, SP, v.4, n.2, p.35-47, jun.2003.
- GUSMÃO, Heloisa Rios; MIRANDA, José Luís Carneiro de. *Como escrever um artigo científico*. Niterói: EDUFF, 1997.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1997. (Coleção Primeiros passos, 74)
- MATTOS, Carmélia Regina de; QUEIROZ, Márcio Pedro Carvalho Pataro de. *Uma experiência de biblioterapia com os idosos do abrigo do salvador*. [200_?] Disponível em: <<http://biblioteca.estacio.br/artigos/009.htm>>. Acesso em: 17 nov. 2005.
- MELO, Leonardo. *A globalização, a democratização da informação e o papel do bibliotecário neste contexto*. Rio de Janeiro: [Trabalho não publicado], 2003. (Trabalho apresentado à disciplina Tópicos IV, ministrada na Universidade Federal Fluminense pelo professor José Maria, para obtenção de nota.)
- MILANESI, Luís. *O que é biblioteca*. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros passos, 94)
- OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. Tradução de Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996. p.11-27.

PARDINI, Maria Aparecida. Biblioterapia: encontro perfeito entre o bibliotecário, o livro e o leitor no processo de cura através da leitura: estamos preparados para essa realidade? In: _____. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 12., 2002. *Anais...* Recife: UFPE, 2002. 1 CD-ROM21

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Ed. Universitária, 1996. p.36-74.

VICENTE, J. **Biblioterapia**. 2005. Disponível em: <<http://fazdeconta.weblog.com.pt/>>. Acesso em: 16 jan. 2006.

O ENSINO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NO CURRÍCULO ATUAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMA

Elzimeire Silva Coelho

Neide Daiane Silva Santos

Estudantes do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Reflexões sobre o ensino das tecnologias de informação no currículo atual do curso de Biblioteconomia da UFMA. Apresenta-se as tecnologias de informação nas bibliotecas como forma de atender as necessidades dos usuários em meio ao cenário tecnológico. Aborda-se a automação das bibliotecas como uma necessidade urgente do século XXI, bem como a necessidade de mais disciplinas para aplicação/aprimoramento das tecnologias de informação.

Palavras-chave: Tecnologia de informação. Bibliotecário. Automação de bibliotecas. Ensino das tecnologias da informação.

1 INTRODUÇÃO

O homem em sua história, sempre buscou melhores formas de vida, através da criação de ferramentas que auxiliasse na execução de suas atividades e que pudessem diminuir o seu esforço.

Para tanto, a necessidade, o elemento impulsionador do homem, passou a fazer parte do seu dia-a-dia. Em virtude disso, ele passou a buscar novas descobertas, surgindo então a cada descoberta, uma nova necessidade.

O estado de sobrevivência do homem no mundo foi sofrendo mudanças ao longo da história, passou da sociedade agrícola para a industrial, e da industrial para a pós-industrial, ou pós-moderna, ou ainda como mais conhecida, sociedade da informação que é fortemente marcada por diferenças, incertezas, desigualdades, individualismo e mudanças em todos os setores da vida humana.

Portanto, Lucena e Campos (apud BOTTENTUIT, 2002, p. 79) analisam essa nova sociedade como um "[...] ambiente global baseado em informação e sua apropriação industrial, econômica, social, cultural, científica e tecnológica".

As tecnologias como resultado do processo de mudança são definidas como "[...] um conjunto complexo de fatores (energia consumida, habilidade do homem, matéria-prima, ferramentas, instrumentos, máquina) que [...] sustentam, ampliam, permitem reinvenção e dão maior precisão a qualquer atividade produtiva [...]" (CARVALHO, 2004, p. 47).

Para melhor compreensão, visualizamos na nossa história fatos marcantes, tais como: a invenção da imprensa por Gutemberg, em 1450 na Alemanha; a Revolução Industrial no século XVIII – momento responsável por várias invenções; e a II Guerra Mundial, os quais proporcionaram fortemente o desenvolvimento das tecnologias de informação. Porém foi somente em 1946, nos Estados Unidos que surgiu o primeiro computador ENIAC – The Electronic Numerical Integrator and Calculator, o maior representante das tecnologias da informação. (VALENTIM, 2004).

A partir do advento do computador percebemos uma rapidez no desenvolvimento da sociedade, as relações se transformaram, o

mercado mudou, o homem passou a se adaptar ao novo paradigma criado por ele próprio.

Portanto, a expansão das novas tecnologias de informação mudou a sociedade, penetrou em todos os seus setores, exigindo de seus profissionais uma nova postura.

Com as bibliotecas não foi diferente e visto que ela trabalha com a informação, o insumo impulsionador ao desenvolvimento da sociedade, Valentim (apud VALENTIM, 2004, p. 2) afirma que "[...] A grande mudança na área de Biblioteconomia é a mudança do paradigma do acervo para o paradigma da informação".

Diante disso, o paradigma tecnológico vem impor novas exigências à atuação de bibliotecários nesse cenário.

Dessa forma, abordaremos o bibliotecário frente a essas novas tecnologias de informação, como responsável pela seleção, tratamento e uso da informação em meio a esse cenário, ressaltando a importância da automação das bibliotecas para melhor executar os seus serviços meio e fim e apresentando a necessidade de mais disciplinas ou se não o aperfeiçoamento das mesmas para aplicação das tecnologias de informação no currículo atual do Curso de Biblioteconomia da UFMA.

2 O BIBLIOTECÁRIO E AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

Partindo do pressuposto de que a sociedade da informação, caracterizada especialmente pelas tecnologias de informação, define um novo comportamento no falar, pensar, escrever, e principalmente no trabalhar, deparamo-nos com barreiras a serem superadas pelas

bibliotecas, pois a informação é produzida em longa escala e a necessidade de sua utilização é imediata. Essa é a razão das bibliotecas incorporarem aos seus produtos e serviços novas técnicas (tecnologia) para disponibilizar de acordo com Sousa ([199-], p. 244) “[...] acesso e uso desses recursos de forma rápida e precisa, à sua clientela”.

As tecnologias de informação, em especial o computador, auxiliam no desenvolvimento das atividades em favor de uma atuação efetiva perante a sociedade, para isso o computador oferece capacidade de armazenagem, organização e manipulação de informações. “[...] Nesse contexto, nem o usuário nem o documento se deslocam, ao contrário, a informação é que se encontra em constante movimento”. (SOUSA, [199-], p. 244).

Percebemos que à medida que o desenvolvimento tecnológico favorece o aumento da produção do conhecimento, simultaneamente oferece ferramentas de controle e organização dos mesmos.

Com isso, os avanços tecnológicos também influenciam no perfil dos usuários e, conseqüentemente, nos sistemas de armazenagem, controle e recuperação da informação, por isso têm-se desenvolvido linguagens documentárias que possam ser aplicadas em sistemas automatizados. A exemplo temos o tesouro, que é pós-coordenado, obedece a um arranjo sistemático e relaciona os termos no momento da busca e recuperação da informação, evitando a ambigüidade de conceitos. (NUNES, 1998).

O profissional da informação passa a adquirir habilidades nunca antes vistas, passando de um simples controlador de aquisição,

preservação e armazenamento de informações para um colaborador, auxiliando na manutenção de sistemas automatizados de acesso à informação.

Eis a razão de bibliotecários conhecer e dominar as tecnologias, pois elas não mais exigem capacidade física e precisão nas atividades, mas sim, como diz Silveira (2001) a amplificação da mente.

Para explicação do exposto, Evanda (apud CAMARGO, 2003, p. 28) diz que a “[...] principal mudança ocorreu com a introdução das Tecnologias de Informação e Comunicação [...]”, o que favoreceu a automação, que de acordo com Figueiredo (1992, p. 161) “[...] abriu possibilidades, aumentando o uso da biblioteca e atraindo mais usuários [...]”.

Mas, para que as tecnologias incorporassem nas bibliotecas e determinasse novo perfil para os bibliotecários, muito tempo se passou, pois estas chegaram no Brasil só a partir dos anos 70 e desse período para cá, muitas barreiras tiveram que ser quebradas, os bibliotecários mantinham forte resistência às máquinas, por medo de operá-las, de perder o emprego e por falta de confiabilidade nas mesmas.

Dessa forma, as tecnologias de informação oferecem um mundo em que a lógica, o conhecimento e a criatividade predominam. “[...] [e] ignorar o imenso potencial que as redes de computadores oferecem em termos de aplicação para os mais diversos setores da sociedade é uma atitude, no mínimo irresponsável” (CUNHA FILHO; PINTO apud ARAÚJO; PEREIRA, 1998, p. 100).

No mundo globalizado não há como ignorar as tecnologias de informação, as quais permeiam todos os setores da vida do homem.

Só existem duas alternativas, ou acompanha as inovações, ou vai ser deixado para trás, pois a tendência do mundo hoje é se automatizar.

Considerando sua utilização, influência e resultado, existem correntes que pensam que a automação atinge limites adiantados graças à informática e que liberará o homem da escravidão do trabalho e ajudará as crianças a se desenvolverem mais. Contudo, os pessimistas afirmam que os homens serão cada vez mais alienados e as crianças tolhidas no seu desenvolvimento. (MARQUES; MATTOS; TAILLE, 1986).

No momento visualizamos não só as filosofias defendidas em prol ou contra a automação, como também um caminho que está sendo percorrido, pois independente dos resultados desse fenômeno, o mundo evoluirá.

Contudo, fatores de ordem econômica, social, política e cultural do país e do mundo determinaram o paradigma vigente, em que bibliotecários são tidos como administradores, líderes, negociadores, mediadores, facilitadores, treinadores e tecnólogos.

Para tanto, Bohn (2005, p. 1) afirma que:

O surgimento de novas tecnologias no tratamento e recuperação da informação e as mudanças que tem ocorrido no universo da ciência e tecnologia colocam o profissional frente às mudanças do mercado de trabalho que exige uma série de conhecimentos e competências novas [...].

Em decorrência disso, os profissionais da informação ficam em situação de competição com especialistas de outras áreas, assim como direciona as áreas da profissão por novos caminhos e exige do profissional uma gama de conhecimentos e competências que o colocam em um plano de igualdade com os profissionais de outras áreas.

Sendo assim, a natureza e o mercado de trabalho do bibliotecário reagem às necessidades de demanda social e são sensíveis à utilização das tecnologias, aos novos meios de transmissão e comunicação, ao aumento crescente de publicações, às novas necessidades de informatização dos usuários e à necessidade de um aumento de capital para custear os gastos emergentes da aplicação das tecnologias.

Os contrastes entre as diferentes unidades de informação e as desigualdades nas condições e exigências no trabalho, são fatores que também influenciam no mercado de trabalho do profissional da informação brasileiro.

Mas, apesar das tecnologias de informação redimensionarem as práticas dos bibliotecários em função das exigências, elas ainda são pouco ensinadas na formação dos bibliotecários.

3 AUTOMAÇÃO DE BIBLIOTECAS

Com a crescente evolução tecnológica, bibliotecas estão se automatizando com o objetivo de melhorar o atendimento aos usuários, proporcionando-lhes melhor qualidade na recuperação da informação.

A automação de bibliotecas nada mais é do que o uso das novas tecnologias em prol da "agilidade" na recuperação da informação.

No caso específico das bibliotecas universitárias, a questão da automação é bastante relevante, devido principalmente à crescente

sofisticação das necessidades informacionais dos usuários/pesquisadores. Ao lado da preocupação da constituição dos acervos, existe hoje a necessidade de disponibilizá-los aos usuários próximos e distantes e de oferecer serviços mais ágeis e eficientes.

O primeiro passo a ser dado para a automação dos serviços de uma biblioteca é verificar as suas necessidades informacionais, o que influencia diretamente na escolha do software a ser adquirido pela instituição.

"Existem vários fatores a serem levados em consideração na escolha do software, atividade esta de extrema importância no processo de automação de bibliotecas. Uma das principais vantagens da automação é que os sistemas são integrados". (SILVA, 2005, p.2). Significa dizer que os documentos são inseridos no sistema no momento da aquisição e esta informação poderá ser utilizada ou alterada quando necessário.

A principal vantagem da automação está em poder recuperar a qualquer momento, um documento que esteja no acervo ou mesmo verificar sua situação, sem esquecer da agilidade no serviço de circulação de materiais. Para que a recuperação da informação ocorra com eficiência e eficácia, é necessário haver um vocabulário controlado, ou seja, um tesauro.

Na avaliação de sistemas devem ser notados alguns critérios. Corte et al (1999) apresenta alguns deles relacionados a determinados aspectos. De acordo com as tecnologias: acesso simultâneo de usuários às bases de dados, arquitetura de rede cliente/servidor, auditoria no sistema, capacidade de atualização dos dados em tempo real, capacidade de elaboração de estatística com geração

automática de gráficos, capacidade de suportar acima de 16 (dezesesseis) milhões de registros bibliográficos, garantia de manutenção e disponibilização de novas versões, gestão de bases de dados com diferentes tipos de documentos, leitura de código de barras, senha para as funções que atualizam dados. De acordo com o processamento técnico: atualização em tempo real do banco de dados, campos e códigos de catalogação de qualquer tipo de documento, código de barras para cada documento, consulta ao tesauro, lista de autoridades e lista de editoras, exportação de dados para alimentação de bases de dados de catalogação cooperativa, formato MARC dos registros bibliográficos, geração de etiquetas para bolso e lombada dos documentos, importação de dados de centros de catalogação cooperativa on-line e cdrom, processamento de materiais especiais, sistema de gerenciamento para construção de tesauro. De acordo com empréstimo de documentos: aplicação de multas e suspensões, bloqueio automático de empréstimo sempre que o usuário estiver em atraso ou com dados cadastrais desatualizados, cadastro de usuários, com inclusão, exclusão e alteração de nomes e endereços, com categorização de usuários, categorização de empréstimo domiciliar, especial e empréstimo entre bibliotecas, cobrança personalizada com prazos diferenciados por tipos de materiais e usuários, código de barras para cada leitor, controle de devoluções, renovações, atrasos, emissão de senhas para os empréstimos, realização de empréstimo, devolução, renovação e reserva, on-line.

Atualmente o critério mais relevante, na avaliação de sistemas, tem sido a estruturação, que deve ser em formato de

intercâmbio, pois a economia de tempo no cadastramento das obras é imenso. A cooperação de dados catalográficos, através dos formatos de intercâmbio de dados bibliográficos e cataiográficos e das redes de catalogação cooperativas é hoje uma realidade, que além de ter um custo baixo, poupa um tempo enorme de atualização e/ou liberação de uso do sistema.

Características desejáveis em uma empresa produtora de software para automação de bibliotecas são: política de desenvolvimento de software, suporte para cadastro organizado de atendimentos e soluções para criar base de conhecimentos disponível aos usuários, suporte pessoal, suporte remoto e treinamento de usuários.

Algumas políticas devem ser tomadas dentro da instituição, tais como: políticas de instalação, de capacidade, de qualidade, de planejamento e controle de produção, de desenvolvimento de novos produtos, de controle e investimento, de recursos humanos, dentre outras.

Sendo assim Sousa ([199-], p. 248) afirma que:

[...] a implantação e o uso de tecnologias representa um problema para qualquer Instituição, haja vista o alto investimento no custo dos equipamentos, e também o fato de tratar de técnicas novas que requerem um grau elevado de conhecimento em sua operacionalização. No entanto, sabe-se que para atender as tendências e transformações do mundo moderno é imprescindível o uso desses recursos nas organizações que queiram se manter vivas e atuantes no próximo milênio. Fato vital, portanto, para as bibliotecas.

Portanto, automatizar é apenas uma parte do emprego de tecnologias de informação.

4 O ENSINO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NO CURRÍCULO ATUAL DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA DA UFMA

Os Cursos de Biblioteconomia e Documentação vêm implementando ações visando a reformular os currículos, apesar de reconhecerem a impossibilidade de o ciclo de formação profissional acompanhar os saltos tecnológicos e a velocidade a que está sendo submetida à sociedade contemporânea. (ARRUDA, 2005).

Na prática, o Curso de Biblioteconomia da UFMA oferece apenas duas disciplinas voltadas para as tecnologias da informação: elementos da informática e automação de unidades de informação.

Conhecimentos de algumas disciplinas, tais como: classificação, indexação, catalogação, normalização, dentre outras são necessários ao desenvolvimento da competência do bibliotecário no controle da instituição. Cada usuário que chega à biblioteca tem necessidades de informação diferenciadas, e para atendê-lo eficazmente, o profissional precisa fazer uso de sua memória, resgatar as teorias pertinentes, as rotinas conhecidas e realizar operações mentais complexas de interpretação, interpolação e fazer uso de sua capacidade inferencial. (BOHN, 2005, p. 4)

Apesar de muitas vezes passar despercebido, as tecnologias de informação podem ser aplicadas a diversas disciplinas do currículo atual, já que se fala bastante neste momento da falta de aplicação, por parte dos alunos, das tecnologias da informação. Citaremos então, algumas aplicações das tecnologias de informação nas disciplinas do Curso de Biblioteconomia.

Normalização – os documentos devem ser padronizados de acordo com as normas da ABNT, para tanto, se faz necessário o uso das novas tecnologias. Quando se trata de normalização de trabalhos acadêmicos, um bom exemplo da utilização da tecnologia é o sumário eletrônico.

Introdução à Comunicação – é imprescindível o emprego de tecnologia da informação como instrumento de melhoria dos sistemas de comunicação e compartilhamento de informações em redes eletrônicas.

Introdução à Administração – esta disciplina deveria ser mais voltada para o caráter administrativo e gerencial de bibliotecas. Incluiria conteúdos como gestão, avaliação, seleção e administração de tecnologias da informação, qualidade total, administração de produtos, etc.

História do Livro e das Bibliotecas – ao longo dos anos a escrita foi se desenvolvendo bem como os diferentes suportes e instrumentos até o advento das tecnologias da inteligência. A telemática que se caracteriza pelo estudo de técnicas para geração, tratamento e transmissão da informação, e suas implicações no papel do livro e das bibliotecas evolui a cada dia.

Indexação – uma indexação correta aumenta as chances de recuperar um maior número de documentos relevantes e descartar a informação indesejada. Isto pode ser visualizado, por exemplo, em buscas na Internet ou às bibliotecas digitais devido à má qualidade da representação dos assuntos dos documentos. Uma outra área a ser explorada diz respeito às bases de dados em meio eletrônico em que alguns dados das obras podem ser encontrados como, por exemplo,

resumos e referências. É importante ressaltar que, se o resumo não é bem elaborado implicará conseqüências na indexação do documento.

Catálogo – a catalogação cooperativa está sendo bastante utilizada nas bibliotecas e centros de informação e documentação disponibilizando uma infinidade de recursos, produtos e serviços através das facilidades tecnológicas, especialmente a Internet. Possibilitando, nesta área, a participação do bibliotecário em redes de bibliotecas visando a catalogação cooperativa e coletiva.

Elementos de Informática – assuntos específicos e práticos deveriam ser complementados por conteúdos como redes, sistemas operacionais, aplicativos como editores de texto, planilhas eletrônicas, gerenciadores de bases de dados, navegação na Internet, uso do correio eletrônico, dentre outros.

Tesouro – o volume de conteúdos atualmente disponíveis para os usuários e os níveis de ruídos apresentados nos resultados das buscas na Internet têm levado à ampliação o uso dos tesouros como instrumento de representação de conhecimento capaz de orientar os usuários na busca de informações na obtenção de melhores índices de precisão na recuperação e, também no momento da automação em que há o cadastro dos indexadores dos documentos. Por isso, é necessário desenvolver nos profissionais da informação, o conhecimento dos aspectos teóricos sobre tesouros, a compreensão da necessidade de controle de vocabulário na indexação e na recuperação da informação.

Política Editorial – é necessário conhecimento de normas e padrões para planejamento editorial e editoração eletrônica,

conhecimentos estes que se encontram nas tecnologias. A tecnologia proporciona condições para elaboração de documentos convencionais usando ferramentas eletrônicas simples, como editores de texto.

Marketing de Unidades de Informação – são necessários conhecimentos para aplicar o marketing em serviços de informação, assim como, desenvolver atividades para adequar produtos e serviços com as condições do mercado/cliente utilizando as tecnologias, a exemplo, poderíamos citar unidades de informação que oferecem produtos e serviços por meio da internet, promovendo a instituição e a satisfação do usuário.

Desenvolvimento de Coleções – são utilizados recursos eletrônicos, bases de dados remotas ou em CD e Internet para satisfazer aos diferentes tipos de usuários.

Referência – é um processo que se constitui no atendimento ao usuário. Dessa forma, as tecnologias implementadas nesse processo, auxiliarão na execução de atividade, como disseminação seletiva da informação e referência on line, além de outras. Sendo assim, o advento de sistemas on-line alterou o relacionamento entre a referência, a aquisição, a catalogação, os empréstimos entre bibliotecas e outros serviços.

Automação de Bibliotecas – o número crescente de informações e o aumento dos custos com pessoal torna a automação uma opção cada vez mais viável e econômica, mas essa evolução tecnológica e sua influência nos processos documentários obrigam aos bibliotecários a conhecerem os novos processos e ferramentas para participar de forma efetiva da automação.

A formação profissional através das disciplinas que correspondem a essas atividades deve também refletir a realidade dessas práticas. Conteúdos de tecnologia da informação deveriam estar presentes nas mais diferentes disciplinas da formação do profissional da informação, onde quer que elas sejam usadas como meio para otimizar e potencializar melhores práticas bibliotecárias. “[...] isso implica também em um trabalho de reciclagem de professores [...]”. (MARCONDES, 2005, p. 4).

A preocupação com os currículos de graduação com relação ao impacto tecnológico de informação é que alguns estão obsoletos. Dessa forma, “[...] o currículo de Ciência da Informação, em muitos países, reflete uma visão da área que foi atropelada [...] pela revolução das tecnologias de informação e comunicação[...]” (BRASIL, 2000, p. 49).

Há necessidade de uma injeção energética ao uso de tecnologia de informação na formação dos professores.

A razão que levou os cursos de graduação a se preocupar com os currículos foi o crescimento do uso das tecnologias, devido aos avanços que estão se dando de forma rápida.

Mediante isso, temos também a questão cultural que é a grande responsável pela situação atual de nossa população, pois não existe um interesse comum para inserir nos currículos do ensino básico tal ação, por isso vai-se levando da forma que dá, enfrentando problemas na formação de profissionais prestes a enfrentar o mercado de trabalho. Tais dificuldades refletem na ação dos profissionais e no retardamento do desenvolvimento do próprio país.

Como pode um país que não consegue satisfazer nem ao mínimo as necessidades básicas como alimentação, saúde, moradia, emprego e etc., se mobilizar para implantar uma cultura tecnológica nas bases educacionais do país?

Este é o motivo do Curso de Biblioteconomia rever seu currículo e procurar atender as lacunas não preenchidas no ensino básico e especializar cada vez mais os bibliotecários, para atuar em prol da sociedade, contribuindo assim, para a elevação do nível de conhecimento dos usuários das bibliotecas.

5 CONCLUSÃO

O aprender a aprender torna-se o objetivo mais recente na formação do profissional, pois a tecnologia aplicada à informação muda tão rapidamente que a atualização do conhecimento torna-se necessária para todos os profissionais.

O bibliotecário deve ser um profissional capaz de interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação. Utilizar a tecnologia como vetor para conectar pessoas, organizações, documentos e informações.

"[...] bons serviços aos usuários requerem cada vez mais a organização de bibliotecas em redes e sistemas, que dependem da tecnologia da informação para viabilizar a cooperação e o compartilhamento de recursos". (MARCONDES, 2005, p. 4)

A partir do momento que se decide pela automatização, alguns cuidados são necessários para a análise, avaliação e seleção do software,

pois existe uma quantidade enorme de sistemas no mercado, mas nem todos atendem aos requisitos mínimos necessários para a automação.

As tecnologias estarão sempre surgindo, "[...]" e no processo de implantação e expansão, um contingente de pessoas será privilegiada, [...]" visto que nem todos acompanharão o avanço tecnológico. (GIACOMINI FILHO, 2005, p. 12)

Tendo acesso a rede de sistemas, os usuários se tornam mais autônomos, deixando, um pouco, de lado aquela "velha pergunta" aos bibliotecários: Onde posso encontrar tal assunto? Mas é relevante ressaltar que apesar de toda essa evolução tecnológica, no passado, não tão remoto, as bibliotecas desenvolviam suas atividades satisfatoriamente sem aporte das tecnologias da informação, o que hoje se torna inaceitável diante de tantas facilidades.

O bibliotecário ainda coloca barreiras quando se trata de automação de unidades de informação, pois muitos têm medo que a máquina os substitua ou faça um serviço irreversível que mais tarde não possa ser recuperado.

Ao se tratar do currículo do Curso de Biblioteconomia, talvez um dos maiores problemas é que os docentes estão mais preocupados com o papel do livro como centro, e se esquecem do estudo do perfil do usuário e suas diferentes necessidades ou talvez o papel que as bibliotecas digitais vão ocupar.

Os discentes deveriam saber lidar com essas tecnologias que estão surgindo, para isso é necessário que os professores incorporem em si e plantem essa vontade nos alunos de conhecer o que as tecnologias têm a lhes oferecer.

THE TEACHING OF THE TECHNOLOGIES OF INFORMATION IN THE CURRENT CURRICULUM OF THE COURSE OF BIBLIOTECONOMIA OF UFMA

ABSTRACT

Reflections on the teaching of the technologies of information in the current curriculum of the course of Biblioteconomia of UFMA. He comes the technologies of information in the libraries as form of assisting to the users' needs amid the technological scenery. The automation of the libraries is approached as an urgent need of the century XXI, as well as the need of more disciplines for aplicação/aprimoramento of the technologies of information.

Keywords: Technology of information. Librarian. Automation of Libraries.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, L. de; PEREIRA, M. R. da S. A sociedade da tecnologia. **Bibliopet**, v. 9, n. 1, jan./dez. 1998.
- ARRUDA, M. da C. C.; MARTELETO, R. M.; SOUZA, D. B. de. **Educação, trabalho e delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão**. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/inclube/getdoc.php?html>. Acesso em: 15 maio 2005.
- BOTTENTUIT, A. M. Cidadania digital: responsabilidade social em um mundo conectado em rede. In.: CASTRO, C. A., Org. **Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís:

EDUFMA/EDFAMA, 2002. 210 p.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da Informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. 195p.

BOHN, M. del C. R. **O ensino da área de controle sobre a perspectiva da competência: experiência do curso de biblioteconomia da UFSC**. Disponível em: <http://www.encontros.bibli.ufsc.br/edicaz.html>. Acesso em: 10 maio 2005.

CAMARGO, C. Muito além da biblioteca. **Rev. Agitação**, [S. l.], jul./ago. 2003.

CARVALHO, I. C. L. A tecnologia e a sua expansão no espaço-tempo. In.: _____. **A socialização do conhecimento no espaço das bibliotecas universitária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2004. p. 47-76.

CÔRTE, A. R. e. et al. Automação de bibliotecas e centros de documentação: o processo de avaliação e seleção de softwares. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=322&layout=abstract>. Acesso em: 21 abr. 2006.

FIGUEIREDO, N. M. de. **Serviços de referência e informação**. São Paulo: Polis/ABP, 1992. 168 p. cap. 7.

GIACOMINI FILHO, G. Inclusão digital e mídia: gestão no contexto da tecnologia da informação. Disponível em: <http://www.comunicacaoempresarial.com.br.html>. Acesso em: 10 maio 2005.

MARCONDES, C. H. Tecnologias da informação e impacto na formação do profissional da informação. Disponível em: www.utm.cl/deptogestinfo/11.ok.da. Acesso em: 11 maio 2005.

MARQUES, C. P. C.; MATTOS, M. I. L. de; TAILLE, Y. de La. **Computador e ensino: uma aplicação à língua portuguesa**. São

Paulo: Ática, 1986. 96 p.

NUNES, M. C. A organização do conhecimento com fins documentários: aspectos teóricos da indexação. *Infociência*, São Luís, v. 1, p. 25-42, 1998.

SANTOS, G. C.; PASSOS, R. O papel das bibliotecas e dos bibliotecários às portas do século XXI: consideração sobre a convivência da informação impressa, virtual e digital. Disponível em: www.snbu.bvs.br/snbu2000/docs/pt/doc/t099.doc. Acesso em: 28 maio 2005.

SILVA, M. I. Critérios essenciais para o processo de automação da Biblioteca Padre Lambert Prins. Disponível em: <http://www.rau-tu.unicamp.br/softwarelivre/document/?view=139.html>. Acesso em: 15 maio 2005.

SILVEIRA, S. A. da. **Exclusão digital: a miséria na era da informação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 48 p.

SOUSA, B. A. de. Quadro atual e perspectivas das bibliotecas dos centros federais de educação tecnológica quanto às novas tecnologias de informação. *Inf. & Soc.*, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 243-260, [199-].

VALENTIM, M. L. P. O moderno profissional da informação: formação e perspectiva profissional. Disponível em: <http://www.ced.ufsc.br/bibliote/encontro>. Acesso em: 28 maio 2004.

A ERA DA INFORMAÇÃO: a supervalorização do capital intelectual

Leciana da Conceição Figueirêdo Pinto
Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Estudo sobre a gestão do conhecimento. Faz-se um breve histórico sobre o início da informação e do conhecimento, analisando os passos galgados desde o tempo em que a igreja católica era detentora do conhecimento até a difusão da imprensa e surgimento da era da informação. Apresenta-se uma sucinta abordagem do bibliotecário como gestor do conhecimento.

Palavras-chave: Gestão do conhecimento. Informação. Conhecimento. Era da informação. Bibliotecário.

1 INTRODUÇÃO

A informação e o conhecimento vêm evoluindo desde a Antiguidade, estando sempre presentes na vida do ser humano, mas somente agora se tornou importante para a sociedade. "Nosso estoque de capital intelectual é importante porque estamos no meio de uma revolução econômica que está criando a Era da Informação." (STEWART, 1998, p. 5), ocupando lugar de destaque no processo de gestão.

Deste modo, iremos verificar como a informação e o conhecimento cresceram e obtiveram valor ao longo do tempo, dando

destaque aos fatos históricos que mais marcaram o seu desenvolvimento até chegar a se tornar capital intelectual, o potencial mais utilizado na administração de empresas como vantagem competitiva.

Estudaremos a gestão do conhecimento, conceituando, conhecendo um pouco do seu papel na administração, bem como o papel do gestor neste processo, fazendo uma breve análise do bibliotecário inserido nesse novo modelo de gestão.

2 A EVOLUÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

A era da informação e do conhecimento nasceu junto com o ser humano e vem evoluindo desde então. "O conhecimento sempre foi importante não é à toa que somos o *homo sapiens*, o homem que pensa." (STEWART, 1998, p. 5, grifo do autor). Podemos perceber isso quando foi criada a primeira roda ou até mesmo quando o homem primata descobriu o fogo; isso foi inteligência, observando que compatível com a época. Após suas primeiras descobertas, o homem não parou mais; criou a carroça, depois, o carro a vapor e, passo a passo, chegou aos automóveis que conhecemos e utilizamos hoje. Do mesmo modo, aconteceu com o fogo, o qual fornecia luz e calor, muito utilizado até a invenção da energia elétrica, que também foi fruto da inteligência humana.

Então, podemos observar que a informação e o conhecimento só obtiveram seu destaque e emancipação na atualidade. "O capital intelectual pode ser uma nova teoria, mas na prática, está presente há anos como uma forma de bom senso." (EDVINSSON;

MALONE, 1998, p.11), porém sempre esteve presente na vida do ser humano e apenas agora tem seu real valor e reconhecimento social, sendo fonte principal de emprego, renda e, conseqüentemente, desenvolvimento social.

Após grandes avanços tecnológicos, industriais e outros, vivemos agora, a era informacional, onde a informação e o conhecimento são tidos como pedras preciosas de valor incalculável. "O conhecimento tornou-se um recurso econômico proeminente – mais importante que a matéria-prima; mais importante muitas vezes, que o dinheiro [...]" (STEWART, 1998, p. 5), sendo fator decisivo, pois atualmente a sociedade vive a mercê do conhecimento, o qual se tornou primordial para a economia atual, "[...] a economia da nova Era da Informação, cujas fontes fundamentais de riqueza são o conhecimento e a comunicação, e não os recursos naturais ou o trabalho físico." (STEWART, 1998, p. 6).

3 DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL A ERA INFORMACIONAL

Na Idade Média, o homem exercia suas habilidades e utilizava a sua criatividade com o trabalho artesanal, sendo a forma mais utilizada na produção da época, mas a troca de informação e conhecimento já existia entre mestre e aprendizes. Da mesma forma, os livros eram manuscritos, o que os tornavam ainda mais escassos.

A informação era um bem particular, pois a igreja católica era detentora da informação. As bibliotecas surgiam nos mosteiros e eram acessíveis somente ao clero e à nobreza. Mas, com a Revolução

Industrial, adquiriu-se uma produção acelerada e iniciou-se a substituição do homem pela máquina. "Os empregos repetitivos e pouco qualificados foram substituídos por máquina e robôs." (REVOLUÇÃO, [200-?], p. 1); além de ter sido um período de grandes avanços tecnológicos, com a criação das máquinas a vapor, foram criados, também, os trens e as locomotivas a vapor.

No entanto, foi na Idade Moderna, com a invenção da imprensa por Gutenberg, que aconteceu a massificação da informação, quando foi possível produzir livros em grandes quantidades e acessíveis a todos.

Com a democratização da informação nasceu a sociedade pós-industrial tendo como principal característica o predomínio dos trabalhadores do conhecimento ou gestores do conhecimento, "Passamos pela revolução industrial, vivemos a turbulência da era da produção, até chegarmos a Era da Informação." (SILVA, [200-?], p.1), onde os principais instrumentos de trabalho são a informação e o conhecimento.

4 GESTÃO DO CONHECIMENTO

A gestão do conhecimento vem "sacudir" a massa gerencial, pois esse novo modelo de gestão veio mostrar que o mercado atual não necessita mais do gerente que trabalha somente sentado atrás de uma mesa, dando ordens e esperando a obtenção dos resultados. Hoje, o mercado exige gerentes que "[...] acreditam que sua habilidade de maximizar o valor para os clientes depende da eficácia com que a tecnologia

de informação é usada para alavancar, integrar, e transferir conhecimento e habilidade a seus funcionários." (FLEURY; OLIVEIRA JR., 2001, p. 29), devendo ser ousados, criativos e, acima de tudo, possuem uma bagagem inteligível invejável, pois, para o mercado atual, o conhecimento e não mais a mão-de-obra, constitui a vantagem competitiva.

Segundo Rossato (2002, p. 7), "[...] a gestão do conhecimento é um processo estratégico contínuo e dinâmico que visa gerir o capital intangível da empresa e todos os pontos estratégicos a ele relacionados [...]". Logo vemos que esse modelo de gestão, depende principalmente, da troca de conhecimento em todos os níveis da empresa, formando um ciclo contínuo, onde sua principal fonte de trabalho e desenvolvimento é o conhecimento.

Deste modo, se essa gestão é um processo, como já foi citado anteriormente, não é somente do conhecimento bruto que se faz esta gestão, mas ele precisa passar por algumas etapas para polir o conhecimento existente. Tudo vem a partir da estrutura organizacional, na qual podemos encontrar todas as características existentes na empresa e esta, juntamente com o capital humano, concretiza as ações as quais, realizadas, fazem a conversão da informação em conhecimento, e, em seguida, realizam a difusão do conhecimento para torná-lo ativos intangíveis, que são o ápice do conhecimento e o potencial da empresa, pois é esse o capital que vai fazer a diferença no mercado.

[...] trata-se de uma questão de "inteligência", ou seja, da habilidade para transformar a imensa massa de dados operacionais que correm nas veias da empresa diariamente em informações consistentes que agreguem valor ao negócio. (SOUTO, 2005, p. 15).

O capital intangível ou intelectual nada mais é que a junção do capital humano e capital estrutural, ou seja, é o balanço patrimonial intangível da empresa, o qual já não é mais conhecimento próprio de um indivíduo, mas sim a inteligência empresarial, que é a principal ferramenta de trabalho do gestor do conhecimento.

5 O BIBLIOTECÁRIO COMO GESTOR DO CONHECIMENTO

Entende-se por gestor do conhecimento, todos os profissionais que utilizam o conhecimento como principal instrumento de trabalho.

A Gestão do Conhecimento apresenta-se como uma nova oportunidade de atuação para o profissional da informação, uma vez que este é capacitado também por habilidades que independem de sua formação acadêmica. (SOUTO, 2005, P. 55).

O bibliotecário é o profissional mais indicado para atuar como gestor do conhecimento, no entanto, a sua grande maioria, não acredita em seu verdadeiro potencial, pois, esses profissionais eram formados para uma atuação técnica, se esquecendo seu lado gerencial. Mas este paradigma está mudando, aos poucos, o profissional está conseguindo balancear suas habilidades, tomando-se um profissional flexível, atuando tanto na área técnica quanto gerencial.

Com a supervalorização do conhecimento, o bibliotecário ganha novos formatos, e conseqüentemente, novas habilidades:

[...] o bibliotecário como profissional da informação não pode se resumir a um mero guardador de livros, mas deve sim, ser um profissional que atua diretamente na construção do conhecimento, na

medida que seu material de trabalho é a informação, fator indispensável na construção do conhecimento. (MELO, 2003, p. 4)

"Percebe-se que a Gestão do Conhecimento é uma nova perspectiva de atuação para os bibliotecários." (SOUTO, 2005, p. 59). Neste novo contexto, o indivíduo tornou-se o usuário da informação e o bibliotecário, como gestor do conhecimento, deve manter toda a informação acessível e disponível para o usuário.

Este gestor precisa ser flexível, dinâmico e, principalmente, ousado, disposto a correr riscos em prol de melhorias em sua organização, pois o bibliotecário trabalha com o bem mais precioso da atualidade - a informação. Assim, "[...] nosso papel como profissionais é fornecer a informação certa, no momento certo para a pessoa certa." (CUNHA, [200-?], p. 3). Este é mais que qualquer outro gestor, sendo o maior produtor do conhecimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado neste artigo nos mostra o quanto o conhecimento é fundamental para se manter inserido no mercado de trabalho da era da informação, sendo que, para a organização continuar no páreo com a concorrência, necessita do capital intelectual para sustentá-la.

Olhando criticamente, reconhecemos que o bibliotecário, também denominado profissional da informação, necessita primordialmente ser um gestor do conhecimento para manter uma unidade de informação de qualidade e que se preocupe, primeiramente,

em satisfazer seu usuário, possuindo um sistema qualificado para facilitar inserção dos seus clientes na organização.

THE AGE OF THE INFORMATION:
the supervaluation of the intellectual capital

ABSTRACT

The study on the management of the knowledge. A historical briefing becomes on the beginning of the information and the knowledge, analyzing the steps galgados since the time where the church catholic was detainer of the knowledge until the diffusion of the press and sprouting of the age of the information. One is presented sucinta boarding of the librarian how manager of the knowledge.

Keywords: Management of the knowledge. Information. Knowledge. It was of the information. Librarian.

REFERÊNCIAS

A GESTÃO estratégica do conhecimento. [S.l.: s.n.], [200-?]. Disponível em: <<http://www.pebconsulting.com.br/artigo6.htm>>. Acesso em: 14 maio 2005.

CUNHA, Miriam Vieira da. **O papel social do bibliotecário**. Florianópolis: [s.n.], [200-?]. Disponível em:

<http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_15/cunha_papelsocial.pdf> . Acesso em: 16 maio 2005.

EDVINSSON, Leif; MALONE, Michael S. **Capital intelectual: descobrindo o valor real de sua empresa pela identificação de seus**

valores internos. Tradução Roberto Galman. São Paulo: Makron Books, 1998.

MELO, Leonardo. **Globalização, a democratização da informação e o papel do bibliotecário neste contexto**. Rio de Janeiro: UFF, 2003. Disponível em: <<http://www.soiavanco.com/artigos/artigo23html>> Acesso em: 08 maio 2005.

REVOLUÇÃO industrial. [S.l.: s.n.], [200-?]. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/industrial>>. Acesso em: 14 maio 2005.

ROSSATO, Maria Antonieta. Modelo de gestão do conhecimento. In: _____. **Gestão do conhecimento: a busca da humanização, transparência, socialização e valorização do intangível**. Rio de Janeiro: Interciência, 2002. p. 7-21.

SILVA, Reinaldo. **"Vivemos a era da informação" ou a "era da comunicação"?** [S.l.: s.n.], [200-?]. Disponível em: <<http://www.monografias-intelect.com.br/geral/comunic.htm>>. Acesso em: 14 maio 2005.

SOUTO, Leonardo Fernandes (org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. São Paulo: Alinea, 2005.

SPENDER, J. R. Gerenciando sistemas de conhecimento. In: FLEURY, Maria Tereza Leme; OLIVEIRA JR, Moacir de Miranda. (org.). **Gestão estratégica do conhecimento: integrando aprendizagem, conhecimento e competências**. São Paulo: Atlas, 2001. p. 27-49

STEWART, Thomas A. A. **Capital intelectual: a nova vantagem competitiva das empresas**. Tradução de Ana Beatriz Rodrigues e Priscila Martins Celeste. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

HABILIDADES DO BIBLIOTECÁRIO NA GESTÃO DO CONHECIMENTO

Michele Alves da Silva

Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Este artigo traz uma evolução do bibliotecário com suas responsabilidades na sociedade da informação e gestão do conhecimento, fazendo uma revisão da literatura em relação aos termos: dados, informação, conhecimento, gestão da informação e do conhecimento e a relação entre eles.

Palavras-chave: Informação. Bibliotecário. Sociedade da Informação. Gestão da Informação. Gestão do Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que a relação Informação – Conhecimento em sido muito debatida na atualidade, sendo a informação o objeto de trabalho do bibliotecário, torna este profissional diretamente envolto nesse novo cenário, conseqüentemente o termo Sociedade da Informação tem aberto uma discussão, em torno de quais seriam as novas habilidades do bibliotecário, com a evolução de termos esse profissional passou a fazer parte da categoria chamada de Profissional da Informação, posteriormente, Gestores da Informação. Também com a evolução dos canais de comunicação, com o advento da Internet e

suas ferramentas, nasceram os Engenheiros da Informação, os Especialistas da Informação, Consultores da Informação, Gestores do Conhecimento e outros profissionais da área. A questão é, quais as habilidades do bibliotecário nesse novo contexto social?

No texto tenta-se responder essa indagação através da revisão de literatura sobre informação, bibliotecários, gestores da informação e gestores do conhecimento, percebendo-se que com esse desdobramento, esses profissionais assumem novos papéis e posturas mediante a sociedade.

2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

A visão do bibliotecário desde a idade antiga até a atualidade tem passado por varias transformações, e suas atividades mudam de acordo com o surgimento de novas tecnologias. Este profissional que era antes visto como organizador e detentor de dados passa agora a preservador, organizador, empreendedor, socializador e educador não mais de dados, mas de informações.

[...] dados são informações em potencial que somente são percebidos pelo receptor se forem convertidos em informação e esta passa a converter-se em conhecimento no momento em que produz uma modificação na estrutura de conhecimento de um receptor[...] (DERNANDO; MOLINA apud JANUZZI; IAIAMO, 2004, p.173).

Assim, percebe-se que um conjunto de dados trabalhados pelo homem gera informação e que a informação processada experimentada e interpretada passa a ser conhecimento. A relação

informação-conhecimento é de fundamental importância para poder se perceber o novo contexto em que estamos inseridos, a chamada Sociedade da Informação, pois a disseminação do conhecimento humano é que trará o desenvolvimento político, econômico e social.

A Sociedade da Informação

Refere-se a um modo de desenvolvimento social e econômico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente a criação de conhecimento e a satisfação das necessidades dos cidadãos e das organizações desempenham um papel central na atividade econômica, na criação de riquezas, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais. (LIVRO VERDE apud TARAPANOFF, 2000).

Esse contexto nos leva a questionar, quais as habilidades necessárias do profissional bibliotecários nessa sociedade?

A dita Sociedade da Informação também conhecida como Sociedade Pós-industrial, esta diretamente ligada às novas tecnologias de informação, a rede mundial de computadores que permitem o desenvolvimento de vários aspectos da sociedade humana, relacionamento através dos newgroups, chats, fóruns, e-mails, blogs, e os novos sistemas de informação.

Tudo isso tem como objetivo colocar a informação a serviço da produção. Cabe aos bibliotecários estarem por dentro dessas novidades, aptos a trabalhar suas especialidades como normalização, a representação temática, a representação descritiva, protocolos, além de utilização de sistemas de informação, softwares, automação, metadados, não esquecendo principalmente da administração das bibliotecas.

3 GESTÃO DA INFORMAÇÃO

Na atualidade a gestão da informação é uma das principais atividades do profissional da informação.

Segundo CHOO apud TARAPANOFF (2000) Gestão da informação é:

Planejamento, condução e avaliação dos processos de utilização dos recursos de informação necessários para incrementar a efetividade da organização. A criação da informação, aquisição, armazenamento, análise e uso provêm a base intelectual da organização inteligente.

Para o entendimento da expressão gestão da informação é importante observarmos que é um termo empregado para designar técnicas para tomada de decisão de forma a atingir eficazmente objetivo.

O profissional da informação tem funções básicas, criar estratégias de disseminar a informação de forma a tornar acessível a todos; direcionar o fluxo de informação de toda a instituição trabalhada na hora certa para seu devido lugar, organizar, armazenar e proporcionar seu uso.

Tendo a biblioteca como um sistema complexo e alvo de nosso estudo, se faz necessário estudar as redes de biblioteca que formam verdadeiros consórcios, cooperativas, parcerias e associações que permutam informações constantemente, como as bibliotecas digitais, virtuais, eletrônicas que tem proporcionado o aparecimento de varias profissões, técnicos e cientistas.

Com o surgimento de novos tipos de bibliotecas, novas formas de disseminação da informação a evolução desses profissionais

da informação foi crucial, não só na área de biblioteconomia, mas em todas as áreas que se tem como instrumento de trabalho a informação, criando assim outras categorias de profissional que trabalham a informação e com informação, são elas: Gestores da Informação, Engenheiros da informação, Especialistas da Informação, Consultores da Informação, entre outros.

Assim, como as bibliotecas, as empresas cada vez mais têm incluindo em seu quadro de funcionários especialistas em trabalhar a informação de maneira criativa, uma vez que a informação trabalhada transforma-se em conhecimento, e é nesse cenário que surgem os novos Gestores do Conhecimento.

Enfatizando o trabalho em equipe das empresas, passa-se a ver o "conhecimento trabalhando e não o trabalho do conhecimento" (REZENDE, 2002, p.124). Com a transição da Era da Informação para a Era do Conhecimento percebe-se que a troca desse conhecimento entre instituições possibilita o desenvolvimento do capital intelectual.

4 GESTÃO DO CONHECIMENTO

Mas o que vem a ser Gestão do Conhecimento? Segundo Educação Telemática Digital, gestão do conhecimento é: "Um conjunto de processos que governam a criação, o uso e a disseminação do conhecimento na organização de forma a atingir seus objetivos e negócios". (2004, p. 1).

Rezende (2002, p. 124). Afirma que gestor do conhecimento é: "Uma nova categoria de profissionais, cujo papel é a administração

do capital intelectual da empresa também chamado Q.I. empresarial."

Acredita-se que " A busca da informação já é gestão do conhecimento e engloba pessoas que estão certas para alcançá-la." (SANTOS apud EDUCAÇÃO TELEMÁTICA DIGITAL, 2004)

A gestão do conhecimento passa de simples administração da informação para a administração do conhecimento agregando maior valor ao produto, ocasionando competitividade no mercado.

Como isso ocorre? É interessante notar que as empresas utilizam-se de um sistema com subsistemas de informação, que formam um poderoso instrumento, que o administrador tem para conseguir informações organizadas, na forma adequada para propiciar o conhecimento. Essas informações nascem das situações culturais, econômicas e políticas que essa empresa está envolvida e de vários setores dentro dessa instituição, ou seja, de informações internas e externas que integradas e trabalhadas de maneira adequada formam um recurso fundamental no planejamento de suas políticas, estratégias e ações a fim de atingirem objetivos. Enfim, todas as funções gerenciais e operacionais dependem de boas informações que surgem de um processo complexo implicando custos e investimentos elevados principalmente em pessoal especializado em gestão do conhecimento.

Gestão do Conhecimento tornou-se um ponto tão importante dentro de uma empresa, que existem cursos de capacitação de metodologia para esse tipo de gestão. Exemplificando, no Maranhão o Sebrae vem atuando em um projeto piloto na Região Tocantina com o objetivo de preparar disseminadores nas próprias empresas e mais tarde realizaram consultorias para criar memórias organizacionais (MACIEIRA, 2007).

O papel do bibliotecário na gestão do conhecimento, esta especialmente, em trabalhar a informação surgida nos vários setores da organização e usar tecnologias para capturar e distribuir conhecimento para a organização, ou seja, especializar seu conhecimento em sistemas, tecnologias e gerenciamento de informação. Acompanhar os avanços tecnológicos e científicos, mas nunca esquecendo do real papel do profissional em biblioteconomia, para que este, não desempenhe no futuro funções de uma outra categoria de profissionais. Espera-se do bibliotecário, enquanto gestor do conhecimento, que esteja antenado com as necessidades informacionais de seus usuários, que seja pró-ativo, empreendedor, que recupere e dissemine informações potenciais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto social a que estamos envolvidos é a da sociedade da informação que traz consigo a criação, mediação e difusão da informação como princípios básicos da evolução social. O bibliotecário enquanto profissional da informação tem sofrido transformações decorrentes do novo fluxo informacional que atinge a sociedade.

A informação agora, além dos canais convencionais, difundiu-se também através de redes de computadores, Internet, e-mail, blogs, sistemas de informação, softwares, entre outros e cabe ao bibliotecário se adaptar a essa evolução.

Nasce na atualidade a Gestão da Informação e os Gestores do Conhecimento, onde os bibliotecários podem facilmente adequar-se a essa nova categoria de profissionais.

Espera-se dos bibliotecários, uma evolução e adaptação a nova ordem mundial, que este trabalhe suas especialidades, criando e gerenciando sistemas de informação de forma a produzir valor, conhecimento, que domine as tecnologias de ótica, imagem, metadados, base de dados, programação. Que saiba tomar decisões destacando-se como um dos profissionais mais importantes de uma organização. Porém nunca esquecendo do seu real objetivo que é criar, armazenar, filtrar e disseminar a informação.

ABILITIES OF THE BIBLIOTECARIO IN THE MANAGEMENT OF THE KNOWLEDGE

ABSTRACT

This article brings an evolution of the librarian with its responsibilities in the society of the information and management of the knowledge, making a revision of literature in relation to the terms: data, information, knowledge, management of the information and the knowledge and the relation between them.

Keywords: Information. Librarian. Society of the Information. Management of the Information. Management of the Knowledge.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECONOMIA e Ciência da Informação. *Educação Telemática Digital*, Campinas, SP, v.6, n., p.-9, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.ndc.uff.br/portaldereferencia/sites.asp?categorias=21>>. Acesso em: 10 abr. 2005

JANUZZI, Celeste A. S. Corrêa; Iaiamo Maria de Fátima G. M. A empresa e os sistemas humanos de informação: uma abordagem conceitual para a gestão de informação. *Transinformação*. Campinas, v.16, n.01, p.1-8, maio/ago. 2004

LABATE, Livia. **Bibliotecário é profissional da informação, sabia?**, 2003. Disponível em: <http://www.biblioestudantes.hpg.ig.com.br/profissao.htm>. Acesso em: 13 abr. 2005.

MACIEIRA, Simone Lucília Andrade. **Gestão do Conhecimento ao raio do novo milênio**. [200?]. disponível em: http://www.ufma.br/canais/bibliomar/Edicao_atual/entrevista.htm ->. Acesso em: 10 de abr.2005

MORESI, Eduardo Amadeu Dutra. Delimitando o valor do sistema da informação de uma organização. **Ciência da Informação**, Brasília,DF: IBICT, v.29, n.1, p. 14-24, jan./abr. 2000.

REZENDE, Yara. **Conhecimento e a gestão do capital intelectual**. *Ciência da Informação*, Brasília, DF: IBICT, v.31, n.2, p.120-128, maio/ago. 2002. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/include/getdoc.php?id=487&article=200&mode=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2005.

TERAPANOFF, Kira. As novas tendências eo profissional da informação nas bibliotecas univertárias do séculoXXI: o bibliotecário na sociedade Pós-Industrial. In: **SEMINARIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITARIAS**, 11., 2000, Brasília,DF. 2000. Disponível em: <http://snbu.bus.br/snbu.2000/does/pt/doc/kira.doc>. Acesso em: 14 abr. 2005.

TERAPANOFF, Kira; SUAINDEN, Emir; OLIVEIRA, Cecília Leite. Funções sociais e oportunidades para profissionais da informação. **Ciência Da Informação**, Brasília, DF: IBICT, v.3, n.5, out, 2002.

A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E O ADVENTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO PROCESSO DE REFERÊNCIA

Amália Tereza Lima da Guia

Francijane Oliveira

Livia Cristina Santos Silva

Silvia Tereza Rocha Almeida

Tauane Gleide Guimarães Brito

Estudantes do 8º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Aplicação de novas tecnologias de informação e comunicação em bibliotecas e suas características. Infere-se sobre a otimização do sistema de referência e os serviços on-line propiciando melhor atendimento ao usuário. Enfatizam-se as competências exigidas ao profissional bibliotecário neste contexto. Explicitam-se sobre as novas formas de sociabilidade e relacionamento usuário/profissional da informação e as vantagens e desvantagens advindas deste âmbito.

Palavras-chave: Serviço de referência. Tecnologias de Informação e Comunicação. Referência on line.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual tem como característica a real possibilidade de comunicação entre indivíduos nos mais longínquos lugares do mundo, em virtude da existência das modernas tecnologias

de comunicação, que ampliam a possibilidade de relacionamento dos seres humanos, separados por barreiras geográficas, durante algum tempo, tidas como insuperáveis. Estas novas tecnologias ao mesmo tempo em que ampliaram a possibilidade de comunicação, trouxeram consigo alguns problemas que ainda atormentam a sensibilidade humana, posto que as relações sociais, dantes realizadas pelo contato pessoal, hoje podem ser mediadas pelo computador com o estabelecimento da Internet em grande parcela dos lares e instituições mundo a fora.

Em virtude deste novo cenário, enfatizou-se a relevância do bem comum que se tornou o marco da sociedade atual: a informação. Quem a possui, possui o poder. Todas as empresas necessitam de informação para que seus negócios alcancem o sucesso desejado, posto que esta guiará as tomadas de decisões, quando bem conhecidas, e conseqüentemente, aplicadas com eficácia.

Por este motivo, afirmar-se que informação e tecnologia constituem a dupla de maior sucesso da contemporaneidade, visto que a união destes dois elementos proporciona um melhor desempenho na execução das tarefas cotidianas dos serviços oferecidos à sociedade atual, que, sabedora destas novas possibilidades é extremamente exigente.

A denominada sociedade do conhecimento caracteriza-se pela incessante necessidade do homem de obter informações relevantes para a solução de seus problemas, onde em meio à quantidade infinita de informações, necessita selecionar as que realmente são satisfatórias.

No âmbito biblioteconômico, esta realidade também está presente, especialmente no serviço de referência, onde a interação usuário-bibliotecário é mais nítida. Com isso, o processo de referência deve estar adequado ao contexto tecnológico da comunicação informacional, posto que necessita primordialmente do usuário, que poderá auxiliar na solução de seus próprios problemas de informação, tendo a seu favor a maior rapidez ao acesso e transferência de informação.

Nesta sociedade, as novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) transformaram de maneira fundamental as práticas informacionais, na medida em que executam a separação entre suporte e informação, disponibilizando grande diversidade de documentos em meio eletrônico, hipertextos, imagens, propiciando aos usuários novas facilidades de recurso, alterando, assim, o papel desempenhado pela biblioteca, tradicional intermediária entre os usuários e os recursos informacionais. Com o acesso às redes, os usuários tendem a se tornar mais autônomos, entretanto alguns ainda não conhecem ou não sabem utilizar as potencialidades advindas das tecnologias, possibilitando, assim, espaço para um novo profissional de referência que seja capaz de, com qualidade, promover o acesso a esses novos recursos.

2 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E O BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA MEDIANDO NOVAS TECNOLOGIAS

A sociedade da informação é marcada por conflitos sociais, contradições, incertezas e transformações socio-culturais, em meio

ao constante desenvolvimento tecnológico mundial no qual a unidade de informação – U.I. está inserida, buscando através de seus respectivos produtos e serviços, ampliar e diversificar a gama de informações oferecidas para suprir as necessidades de seu público.

Em um cenário baseado em informações industriais, econômicas, sociais, culturais, científicas e tecnológicas, é fundamental salientar e tornar questionável, o papel do bibliotecário de referência, cuja função é primordial em uma U.I., já que este conduz o usuário à informação desejada.

O profissional bibliotecário deve ser autônomo, gestor e intérprete da realidade, pois manipula constantemente um universo de documentos em suportes diferenciados, devendo este filtrar a informação de real relevância, e em tempo hábil, para a satisfação de seus usuários. Assim, o profissional deve cercar-se das novas tecnologias, que vêm servindo de suportes para a informação, enriquecendo o aparato informacional disponível na U.I., como também, favorecendo a imagem desta perante a comunidade.

Este enfoque torna-se necessário, pois, atualmente, a aquisição, processamento e disseminação da informação exige a adequação do perfil, principalmente, do profissional de referência às mais novas tecnologias vigentes, justificando-se, portanto, o constante processo de educação e/ou capacitação do profissional em exercício.

Sendo notório que a biblioteca deve dispor de condições propícias para a qualificação destes profissionais, bem como a agregação do uso de técnicas computacionais como suporte benéfico e complementar de sabedoria e educação contínua para os usuários, possibilitando a interação indissolúvel de bens intelectuais por meio eletrônico.

É concebido que o computador instaura uma nova forma de apreender a realidade. Corroboramos com o pensamento de Amaral (2003, p.108) ao afirmar que:

A Internet além de apresentar um maior e mais efetivo acesso às informações pode interferir na forma como essas informações serão utilizadas na aprendizagem de conteúdos significativos. Nesses novos meios as mensagens veiculadas devido às suas características de fluidez, numeralização, plasticidade, e instantaneidade são mais facilmente suscetíveis às interferências dos receptores que podem contribuir diretamente na sua construção e se tomarem também autores-produtores do conhecimento ou dito de outra forma, sujeitos da comunicação e do processo cognitivo.

Dessa forma, percebe-se o computador como ferramenta que propicia a recuperação da informação, ou seja, a satisfação intelectual, através de vastos conhecimentos oferecidos por distintos recursos de aprendizagem, que servirão para embasar o teor crítico de um indivíduo.

A utilização de novas tecnologias, neste âmbito, exige mediadores de referência competentes e, principalmente, qualificados para o manuseio das bases de dados, que evoluem gradativamente. Com isso, é relevante classificar os meios mais propícios para busca de informação em meios eletrônicos e convencionais.

3 NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (NTICs)

Com o advento das NTICs, que se deu oficialmente por volta dos anos 60/70, o acesso à informação foi facilitado e democratizado,

contribuindo para uma maior quantidade na produção de documentos. Porém, vale ressaltar que nem sempre os documentos disponíveis em meio eletrônico, especialmente on-line, possuem informações relevantes, ou mesmo, confiável, devido à - ainda existente - falta de segurança quanto ao conteúdo destes.

Segundo Duarte (1997, p.1),

A união das tecnologias da informação e comunicação, e seus diversos produtos gerados a partir dessa união, principalmente a figura do computador, como sendo a ferramenta de auxílio ao bibliotecário, contribuirá para buscar, armazenar, tratar e disseminar a informação com maior rapidez e precisão.

Em bibliotecas, a tecnologia da informação está presente de forma muito mais abrangente em todas as etapas do trabalho informacional, sendo a automação de seus acervos apenas uma faceta do emprego dessa tecnologia nas práticas informacionais.

Marcondes (1998, p. 2) afirma que,

[...] as tecnologias de informação cobrem por completo todo o curso de produção, transferência e uso da informação [...]. Quando se fala em política de acervo e desenvolvimento de coleções não se pode esquecer dos recursos eletrônicos, das bases de dados remotas ou em CD, dos recursos da internet. Quando se fala em seleção e aquisição não se pode deixar de utilizar as facilidades de consulta aos catálogos eletrônicos de livrarias e editores e do mecanismo de compra a distancia, da integração entre aquisição e tratamento técnico. Quando se fala em representação descritiva e temática não se pode esquecer dos bancos de catalogação cooperativa, como a rede Bibliodata/Calco no Brasil. Quando se fala de bibliografias e da construção de repertórios bibliográficos, não se pode

deixar de incluir cada vez mais numerosos e comuns recursos da internet, além daqueles em papel e não se pode deixar de pensar em armazená-los numa base de dados em meio eletrônico. Quanto aos serviços de referências e as fontes bibliográficas, deve-se considerar o número crescente de recursos informacionais eletrônicos como base de dados em CD-ROM ou remotas, recursos na internet. A localização, o acesso ao documento final, a obtenção de cópias ou o empréstimo entre biblioteca, não se fazem hoje sem o suporte das tecnologias da informação, como CCN, COMUT e correio eletrônico.

Neste contexto, percebe-se que a prestação de bons serviços aos usuários requer, cada vez mais, a organização de bibliotecas em redes e sistemas, que dependem da tecnologia para viabilizar o compartilhamento de recursos; nesse interim, evidencia-se o profissional da informação que deve dispor e usar as ferramentas eficazes viabilizando a recuperação da informação, satisfazendo a necessidade dos seus usuários.

4 INFORMAÇÃO ON-LINE NA REFERÊNCIA

A referência é o local onde se dá o maior contato entre o bibliotecário e o usuário pois é neste espaço que são realizadas consultas, pedidos, informações e esclarecimentos das dúvidas.

Conforme Almeida Júnior (apud PIMENTA, 2002, p. 127) o serviço de referência consiste no "[...] espaço onde se dá a relação entre a informação e o interesse do usuário; é o momento em que se procura satisfazer as necessidades informacionais do usuário, enfim, é quando todo o trabalho da biblioteca se completa".

Nesta perspectiva, com o propósito de suprir as necessidades do usuário, que se torna cada vez mais exigente, a referência deve utilizar-se de recursos advindos da tecnologia especialmente através do computador conectado à rede Internet, constituindo-se o que chamamos de referência on-line.

Segundo Pimenta (2002, p. 134),

[...] as unidades de informação da atualidade se interessam muito pela internet, especialmente as áreas de referência dessas unidades, por vislumbrarem uma fantástica tecnologia facilitadora da discussão e disseminação de informação entre sua clientela, figurando, também, como uma importante alternativa para a democratização da informação [...]

O emprego dos computadores ligados em rede vem se evidenciando, cada vez mais, como uma ferramenta no campo da pesquisa científica, expandindo o balcão da referência para além dos muros da biblioteca. Entretanto, para que os usuários dessas novas tecnologias tenham sucesso na busca e aquisição das informações de que necessitam, devem prover-se de conhecimento prévio quanto ao manuseio dos sistemas utilizados, para que façam melhor uso dos recursos disponíveis.

As informações democratizadas na rede aumentam em um volume cada vez maior e, ao serem comparadas a quantidade com a qualidade, estas não são equivalentes. Muitos dados disponibilizados têm conteúdos efêmeros, baixa precisão e, em alguns casos, são considerados informações enganosas, sendo necessário para os usuários não sejam prejudicados no processo de busca de informações, conhecer os mecanismos de navegação de rede, os endereços de sites

que possuem autoridade no assunto, com o intuito de chegarem aos seus objetivos com buscas menos exaustivas, sem prejuízos financeiros e em menor intervalo de tempo.

Nesse processo, alguns usuários tornam-se auto-suficientes. No entanto, a maioria ainda precisa das orientações do profissional de referência, sendo imprescindível que este conheça as variadas fontes de dados, a fim de usá-las como ferramentas na busca de informações. Estas devem ser eficazes e flexíveis, de modo a ser escolhido o melhor caminho possível, sendo necessário, entretanto, que haja uma afinidade entre os objetivos do processo de referência tradicional e o on-line: uma resposta satisfatória ao usuário no final.

Conforme Pimenta (2002, p. 134),

Com a incorporação do computador ao cenário da referência, o mercado de trabalho, requer do profissional da informação, domínio sobre o funcionamento da internet. Desse modo é preciso conhecer bem os motores de busca [...] nacionais e internacionais, os mecanismos de navegação da rede, bem como as bibliotecas virtuais, já que existem várias áreas, sem perder de vista outros serviços oferecidos como correio eletrônico, transferência de arquivos, lista de discussão, sempre com ênfase na web [...] propriamente dita, com sua variedade de hipertextos, numa infinita cadeia lógica de textos, sons e imagens. Realizar operações com segurança na internet é, pois, fundamental para que as tarefas executadas pelo profissional da referência cresçam em qualidade e quantidade.

As NTICs permitiram que balcões de referência saíssem de seu espaço físico para um espaço virtual, onde as bibliotecas propõem ao usuário dialogar em tempo real, conectados em rede

eletrônicas, em qualquer parte do mundo. Sendo portanto, a interatividade necessária para que as mesmas ofereçam a seus usuários produtos e serviços de qualidade.

Diante da já confirmada e visível aplicação das novas tecnologias no campo da informação Cunha (apud MARCONDES, 1998, p.1) sugere "[...] que os estudantes de biblioteconomia deveriam se familiarizar, desde os bancos escolares, com o uso de computador", para que futuramente não se tenham no mercado profissionais que apresentem resistência frente às mudanças decorridas do avanço científico e tecnológico pelo qual vem passando a nossa sociedade.

5 CONCLUSÃO

A relação estabelecida entre usuário e o bibliotecário de referência coincide objetivamente com a disseminação da informação, viabilizada pela constante busca por informação, onde coexistem vários conceitos sobre o que é referência e sua relevância primordial em uma U.I..

Nota-se que o lema atual é emancipar para evoluir. Daí, tem-se a interrogação: qual a função do processo de referência dentro de uma U.I. inserida em uma sociedade global?

A U.I., sem o processo de referência, é o corpo sem o espírito, já que o segundo empreende, diretamente, a finalidade da biblioteca que consiste em satisfazer as necessidades informacionais dos usuários através do mediador profissional de referência, cujo objetivo maior é propiciar a recuperação das informações em suportes convencionais e não convencionais.

O serviço de referência relaciona-se objetivamente com o uso dos vários programas – software – e equipamentos – hardware – que impulsionam as inovações tecnológicas com gêneros digitais, tais como e-mail, hipertexto e outros, que devem ser selecionados de acordo com as necessidades dos usuários. Com base nisso, Freire (2003, p.71) acredita que,

Talvez, uma discussão aquecida pela emergência dos gêneros digitais, seja a da diluição da dicotomia entre oralidade e escrita. A visão de linguagem tomada pela gramática tradicional, por exemplo, privilegia a escrita – literária – considerando-a mais complexa e formal do que a língua falada [...]

A partir deste pensamento, é válido conceber, as tecnologias on-line, como complemento do tradicional processo de referência no qual estão materiais impressos e 'restritos' ao ambiente físico de referências, já que otimiza significativamente as formas de trabalho desenvolvidas para o atendimento ao usuário, transpondo uma simples e mera estrutura física para uma dimensão digital ilimitada, que vai desde a utilização do correio eletrônico, que consiste em questões e soluções que ligam usuário e organização informacional, até o inusitado mundo digital de informação.

A tendência intrínseca dos bibliotecários de referência, expostos a tal situação, incorre em dominar ou fugir de tais imposições tecnológicas. Entretanto, os mesmos devem filtrar o vasto rol de informações, selecionando as relevantes e descartando as dispensáveis. Para consubstanciar tal pensamento, "A web é, hoje, um espelho do mundo real. Todo os tipos de atividades, da comercial à educacional, encontram-se presentes no mundo virtual" (ALMEIDA, 2003, p.97).

É viável evidenciar que a sociedade da informação necessita de organizações empreendedoras compostas por profissionais qualificados e de processos coerentes e abrangentes na realidade que se insere. Assim, torna-se compreensível que a organização da informação decorre de um processo de referência eficiente e capaz de atender as necessidades mercadológicas compromissados com as novas tecnologias on-line e sistemas de busca que viabilizem, em tempo hábil, a recuperação da informação com eficiência e eficácia.

THE SOCIETY OF THE INFORMATION AND THE ADVENT OF THE NEW TECHNOLOGIES IN THE REFERENCE PROCESS

ABSTRACT

Application of new technologies of information and communication in libraries and its characteristics. One infers on the improvement of the system of reference and the services on-line propitiating customer service better. One emphasizes the abilities demanded to the professional librarian in this context. One presents on the new forms of sociability and user/professional relationship of the information and the advantages and happened disadvantages of this scope.

Keywords: Reference service. Technologies of Information and Communication. Reference on-line.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor navegador. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 3, p. 89-106.

AMARAL, Sérgio Ferreira do. As novas tecnologias e as mudanças nos padrões de percepção da realidade. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 03, p. 107-114.

DUARTE, Luciano Soares. **A Biblioteconomia e a situação frente às novas tecnologias e ao novo usuário**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESDUTANDES DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO DA REGIÃO SUL, 19. São Luís, 1997. Disponível em: <<http://www.lucianoduarte.com.br>>. Acesso em: 12 dez. 2004.

FREIRE, Fernanda M. P.; ALMEIDA. Formas de materialidade lingüística, gêneros de discursos e interfaces. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003. cap. 03, p. 65-88.

MARCONDES, Carlos H. Tecnologia da informação e impacto na formação do profissional da informação. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 3 e DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGIA DEL MERCOSUR, 2. **Anais eletrônicos...** Santiago, 1998. Disponível em: <<http://www.deptogestinfo/11.ok.doc>>. Acesso em: 6 dez. 2004.

MARTINS, Aloma Samira et al. Tecnologias de informação e comunicação a serviço da referência. In: **Revista Bibliomar**, São Luís, v.3, n.1, p. 27-32, abr. 2004.

MORIGI, Valdir José; PAVAN Cleusa. Tecnologias da informação e comunicação: novas sociabilidades nas bibliotecas universitárias. **Ciência da informação [on-line]**. Brasília, v. 33, n.1, p.117-127. abr.

2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/php?script=sci_arttext&pid=s0100_19652004000100014&lng=pt&nrm=isso>
Acesso em : 09 dez. 2004.

PIMENTA, Márcia Teresa. O profissional da informação e as novas mediações no atendimento ao cliente. In: CASTRO, César (org.). **Ciências da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luís: EDUFMA, 2002. cap. 7, p. 122 – 139.

RECURSOS humanos e qualidade de vida em bibliotecas universitárias. Disponível em: <<http://www.sibi.ufrj.br/snbu/snbu2002/oralpdf/73>>. Acesso em: 10 dez. 2004.

TRAJETÓRIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA: histórico, perspectivas e políticas de financiamento

Luhilda Ribeiro Silveira

Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

Enfoca a importância da pesquisa para o desenvolvimento econômico de um país. Resgata o histórico da pesquisa científica e sua relação com a universidade. Apresenta a estrutura de alguns órgãos de fomento à pesquisa no âmbito brasileiro. Enfoca iniciativas de caráter regional no fomento à pesquisa. Discute perspectivas de políticas de financiamento para o setor científico e tecnológico com cooperação entre setores públicos e privados.

Palavras-chave: Pesquisa científica. Pesquisa tecnológica. Órgãos de fomento à pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa científica pode ser entendida como atividade ou concretização de uma atividade de acordo com normas consagradas pela ciência na elaboração de um conhecimento. Em seu caráter tecnológico ganha uma conotação industrial que influencia a sociedade de modo geral no sentido de avanços e conquistas.

As pesquisas, no entanto são atividades que revelam bem mais que o grau de desenvolvimento de uma sociedade, são também

práticas culturais no processo de construção da sua identidade. A produção e utilização do conhecimento podem e devem ter implicações sociais que ultrapassam desenvolvimento científico-tecnológico ou formação acadêmica, na questão da pesquisa universitária.

A trajetória desta conquista do conhecimento é marcada por fatos e acontecimentos que refletem a história da sociedade brasileira e do mundo. A análise deste caminho percorrido nos revela bem mais que os avanços nos setores científico e tecnológico revelam também como a busca pelo progresso deve estar associada à formação do indivíduo, e como a organização desta estrutura pode viabilizar a formação de uma sociedade que não apenas usa informação, mas também produz conhecimento.

2 A PESQUISA CIENTÍFICA E O DESENVOLVIMENTO DE UM PAÍS

A pesquisa científica ocupa lugar de destaque nos países desenvolvidos, tendo seu valor reconhecido como impulsionadora para o desenvolvimento da nação, tal importância dedicada às pesquisas tem suas origens no pós-guerra, onde formaram-se em países desenvolvidos uma política de Estado no campo da ciência e tecnologia.

Além da premissa de que a pesquisa era a mola propulsora do desenvolvimento humano, a obrigação do Estado em financiá-la, constituía-se num consenso, que se traduziu no famoso relatório elaborado por Vannevar Bush intitulado *Science the Endless Frontier* encaminhado ao presidente dos Estados Unidos, que se

constituía num modelo para uma política da pesquisa científica e tecnológica, tais conceitos e paradigmas orientariam também a política de vários outros países, inclusive o Brasil,

[...] O documento visava demonstrar a importância da pesquisa científica para o período de paz [o pós-guerra] e recomendava uma intervenção muito mais direta do Estado na atividade científica, do que em épocas anteriores, como mecanismo de promoção do desenvolvimento econômico e do bem estar da sociedade moderna. Essa intervenção deveria ocorrer por meio da criação de uma agência de fomento que apoiaria a pesquisa básica e aplicada. Além de preconizar o apoio a fundo perdido à pesquisa básica, como mecanismo de geração de novas oportunidades de desenvolvimento para o futuro, o Estado deveria orientar o esforço científico e tecnológico nacional de acordo com prioridades nacionais de ordem estratégico-militar, social e econômica. (BROOKS apud FURTADO, 2005, p. 41-42).

De acordo com esse modelo apresentado, a pesquisa básica (executada sem preocupação com aplicações práticas, mas que definiria o progresso tecnológico) geraria novos conhecimentos, catalisando natural e automaticamente o desenvolvimento tecnológico, e com isso a geração de riquezas, a partir deste dito "modelo linear" do papel da ciência e tecnologia no desenvolvimento econômico. (MOREL, 2005, p.39).

Os modelos de fomento à pesquisa ao longo dos tempos passam por um importante processo de transição: "Do modelo linear de financiamento, centrado na pesquisa básica denominado *Vannevar Bush*, passou-se para um modelo de gestão do conhecimento muito mais complexo", pelo fato do conhecimento relacionar-se a processos e produtos, requerendo uma revisão do planejamento das atividades

de pesquisa tendo em vista a formação de "redes do conhecimento", envolvendo diferentes áreas do conhecimento. (ZANCAN apud CHIOZZINI, 2004, p?).

3 PESQUISA CIENTÍFICA E UNIVERSIDADE: relação histórica

A relação entre a pesquisa científica e a universidade, tem no Brasil como um dos exemplos mais antigos a Universidade de São Paulo – USP fundada nos anos 30, ela criou tradição em pesquisa com profissionais em sua maioria vindos do exterior, sendo ainda hoje referência no campo da pesquisa. Mas foi no Pós II Guerra que a pesquisa científica e tecnológica ganhou espaço e incentivos governamentais.

A década de 60 traria tanto mudanças e instabilidades para a pesquisa quanto a possibilidade de se desenvolver em outras esferas que não a universitária. A tendência de se desenvolver a pesquisa fora da universidade ganha força em meio a esse clima de instabilidade durante esse período de crises políticas vividos durante a Ditadura Militar, e nesse clima o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF que pretendia montar um grande projeto no campo da pesquisa na área nuclear, foi um exemplo destes "nichos protegidos" para a pesquisa, que não obtendo tanto êxito e respaldo, permaneceu na esfera acadêmica, transformando-se mais tarde em instituto do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq.

Enquanto a universidade sofreu com efeitos da crise ocasionada pela Reforma Universitária de 1968, os financiamentos para

a pesquisa começavam a surgir em um sistema relativamente paralelo, que passava a receber investimentos diretos e cada vez maiores. Esta política de incentivos empreendida pelo governo brasileiro devia-se em parte a grande importância que nesse momento era dada à ciência, ao desenvolvimento científico e tecnológico para uma nação. Até que as agências financiadoras comesçassem a questionar a demanda por recursos e cobrar resultados em curto prazo. (SCHWARTZMAN, 1986).

Atualmente a relação entre a pesquisa e universidade figura como princípio básico de formação acadêmica, compondo o tripé da universidade ensino – pesquisa – extensão, propiciando um conceito e desenvolvimento de pesquisa bem mais abrangente que décadas atrás, onde as concepções de pesquisa eram bem mais restritas às áreas tecnológicas. O caráter mais abrangente de pesquisa difundido e executado atualmente nas universidades proporciona maior atuação no campo da investigação científica das diversas áreas do conhecimento, embora fatores como recursos ainda seja apontado como obstáculo para o desenvolvimento mais eficaz destas práticas.

4 POLÍTICAS DE FINANCIAMENTOS PARA A PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

O financiamento de atividades de pesquisa é um desafio para o desenvolvimento científico do país, tendo em vista que os custos destas atividades se elevam demasiadamente, dificultando ainda mais o estabelecimento de políticas de investimento nesse setor por parte do governo.

O ativismo da pesquisa científica no Brasil como expusemos anteriormente, advém do Pós-guerra, quando a ciência passa a ser vista como impulsionadora do desenvolvimento e planejamento econômico da sociedade, e não apenas como proclamadora de arte e cultura para a civilização, devendo desse modo haver um espaço privilegiado para a pesquisa. A universidade era visto como este espaço ideal para o desenvolvimento da pesquisa. Mais tarde esta mesma ciência necessitaria de espaços mais protegidos, dentro e fora da universidade para desenvolver-se tendo em vista o clima de repressão que se instalou nas universidades à época com a crise de uma reforma universitária.

O sistema de C&T brasileiro era muito mais incipiente quando se cristalizou a mudança de postura do Estado no pós-guerra. O apoio público sistemático à atividade de pesquisa organizada começa a ocorrer a partir de década 1950 com a criação do CNPq e da Capes e de instituições de pesquisa como o CBPF. (FURTADO, 2005, p.43).

Atualmente as políticas científicas brasileiras e mundiais buscam uma maior cooperação entre os setores públicos e privados compondo uma aliança estratégica, o setor privado-empresarial ganha cada vez mais espaço no que diz respeito a financiamento e execução de pesquisas, a exemplo dos países desenvolvidos.

[...] A organização da P&D requer recursos que extrapolam a capacidade do principal dinamizador das ações de P&D – o Estado. Há reflexos nas instituições públicas de pesquisa (IPP), em especial as universitárias, premidas pela necessidade de buscarem algum tipo de articulação com instâncias privadas para obtenção de financiamentos. (TEIXEIRA; CORTES, 2005, P. 24).

A aliança estratégica entre setores públicos e privados é mais fortemente estabelecida no âmbito de financiamentos de pesquisas no setor tecnológico, visto que empresas que fazem investimentos buscam geralmente inovações a partir da pesquisa que mais tarde venham a constituir em produtos e serviços que lhes confirmem retorno do investimento.

4.1 Órgãos brasileiros de fomento

Formulado na década de 1950 e instituído mais tarde num clima de conflito entre cientistas e as políticas vigentes, com intenção de elaborar planos econômicos que integrassem ciência, tecnologia e pesquisa básica e aplicada. O Ministério da Ciência e Tecnologia – MCT é o órgão em âmbito nacional responsável pela definição das políticas nacionais de pesquisa científica e tecnológica, sincronizando as ações do poder público, das empresas, dos institutos de pesquisa e das universidades. Hoje, os fundos setoriais constituem-se numa importante fonte de recursos para o desenvolvimento dos projetos e programas que difundem o conhecimento com o objetivo de aproximar a ciência e a tecnologia de toda a sociedade, em 2004, foram investidos R\$ 619 milhões no orçamento destes fundos. Além dos fundos setoriais, o Fundo Nacional de Ciência e Tecnologia – FNDCT, alinha-se no apoio à pesquisa básica em unidades de pesquisa ou em redes de cooperação. (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2005, p. 6-7).

Como principal agência de fomento podemos destacar no âmbito federal a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP, as linhas

de ação desta agência são beneficiadas com gestão otimizada dos fundos setoriais,

Os [14] Fundos Setoriais foram criados em 1999, como importantes instrumentos de financiamento de projetos de pesquisa desenvolvimento e inovação. Os recursos são oriundos de contribuições incidentes sobre o faturamento de empresas ou sobre o resultado da exploração de recursos naturais pertencentes à União. (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2005 p. 8).

Outro órgão a nível nacional de apoio à pesquisa, contribuindo com a formação de pesquisadores em vários níveis e campos do conhecimento é o já citado Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, criado na década de 1950, sempre funcionou como um dos principais agentes no incentivo e desenvolvimento no campo da ciência tecnologia e inovação (CT&I) no país.

Ao longo de sua existência, o CNPq já formou 26 mil doutores e 81 mil mestres. [...] em 2004, os investimentos no fomento à pesquisa chegaram a R\$ 500 milhões, financiando cerca de 49 mil bolsas, entre pesquisa, formação, produtividade, iniciação científica, e outras. (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2005 p. 9).

Ainda na esfera dos órgãos nacionais que financiam a pesquisa temos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, instituída em 1951 a CAPES subsidia o Ministério da Educação na formulação políticas nacionais para a área de pós-graduação. O financiamento de pesquisas pela CAPES destina-se exclusivamente à formação de mestres e doutores como ação da política nacional do governo federal nas esferas da educação, ciência e

tecnologia. Estima-se que 55% das bolsas de pós-graduação *Stricto sensu* do país são financiadas pela CAPES, o que representa cerca de 26.000 bolsistas em 2005. (CAPES, 2005).

Existem ainda no contexto nacional, as fundações estaduais de amparo à pesquisa, as FAPs, iniciativas de caráter estadual no financiamento à pesquisa. Uma das instituições que se destaca nesse âmbito é Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, que “[...] é custeada com o repasse de 1% do total da receita ordinária do estado de São Paulo. [...]” (CHIOZZINI, 2004). As FAPs não possuem uma uniformidade quanto à estrutura nem à verbas que recebem. Existem ainda eventuais parcerias com órgãos nacionais de pesquisa nesse âmbito com objetivo de aumentar os insumos destinados às pesquisas.

No Maranhão temos nesse âmbito a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão – FAPEMA, tendo como finalidade promover a pesquisa científica e a inovação tecnológica em caráter autônomo ou complementar ao fomento provido pelo Sistema Federal de Ciência Tecnologia e Inovação, fortalecendo e apoiando atividades de informação e extensão tecnológica que atendam as demandas do setor produtivo e da sociedade em geral. (FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DO ESTADO DO MARANHÃO, [200-]).

Embora as iniciativas do governo, em números se mostre bastante expressivas, as políticas de financiamentos adotados pelo governo embora tenham avançado ao longo dos anos, ainda não atende às expectativas de cientistas e pesquisadores, e não se pode negar que

há um longo caminho a ser trilhado para elevar o Brasil ao patamar dos países desenvolvidos, tanto no que diz respeito às políticas traçadas pelo governo e na cooperação entre setores públicos e privados no financiamento e execução de pesquisas. Furtado (2005, p.44) afirma que:

O sistema de C&T brasileiro ainda está muito concentrado no Estado. A iniciativa e o setor produtivo têm uma participação minoritária tanto do lado do financiamento como da execução da P&D no Brasil. Ainda assim, ela não é desprezível e indica avanços nas últimas décadas. O setor industrial era responsável por 32% da execução e 38% do financiamento de P&D em 2000.

A participação do setor público ainda é majoritária no amparo à pesquisa universitária, embora a dispersão de recursos dos órgãos de fomento ainda seja uma realidade com a implementação de programas e iniciativas incipientes no campo da pesquisa, é este o investimento que ainda proporciona ao pesquisador estabelecer-se, principalmente no âmbito acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi no Pós-guerra que a pesquisa passou a ocupar lugar de destaque nos planos dos governos em diversos países no mundo. Há um relativo consenso de que os países em desenvolvimento investem pouco em pesquisa, evidenciando assim que a produção científica está na dependência direta dos investimentos aplicados, e que o insuficiente apoio governamental configura-se como um dos principais fatores de inibição de maior desenvolvimento científico e tecnológico de um país.

A pesquisa básica por exemplo, não deve ser vista meramente como desperdício de recursos, uma vez que muito do que se sabe e conhece nos dias de hoje advém justamente da dita pesquisa a fundo perdido.

A pesquisa científica requer, freqüentemente, elevados investimentos, tanto no que se refere à formação de pesquisadores, quanto às condições materiais para o seu desenvolvimento. Investimentos em ciência e tecnologia sejam dos governos, sejam da iniciativa privada, bem como a persistência e competência dos pesquisadores, e a integração deste conjunto constitui um dos maiores desafios para o desenvolvimento da ciência.

Infelizmente num país como o Brasil, onde milhares de pessoas passam fome é fácil compreender a indignação de pessoas quando se vê milhões de reais em "tecnologia derretida" (como denomina o jornalista Élbio Carvalho) no caso do projeto espacial do Centro de Lançamento de Alcântara – CLA. No entanto, a ciência se faz com erros e acertos, embora o que se faça, o que se pesquise deva sempre ser avaliado quanto adequação de métodos, técnicas, frente aos inestimáveis valores éticos e morais.

As decisões relativas a orçamentos e verbas para a pesquisa serão sempre questionadas quando a gestão destes recursos não é feita por cientistas, embora deva haver políticas de destinação de recursos para pesquisas consideradas prioritárias. As políticas de financiamentos devem priorizar a formação de pesquisadores para elevar o nível das pesquisas e contribuir significativamente para o desenvolvimento do país, pois Não se pode pensar simplesmente em desenvolvimento pela pesquisa científica e tecnológica sem antes se

repensarem as bases sobre as quais são construídas estas expectativas, é preciso antes de tudo investir na educação de base para que no futuro não tenhamos apenas o progresso científico e tecnológico pelas máquinas modernas que possuímos, mas o progresso científico e tecnológico conquistado por pessoas capacitadas não apenas para produzir riquezas, mas também gerar conhecimento.

TRAJECTORY OF THE SCIENTIFIC RESEARCH: perspectives and politics of financing

ABSTRACT

It analyzes the importance of the research for the economic development of a country. It rescues the description of the scientific research and its relation with the university. It presents the structure of some agencies of promotion to the research in the Brazilian scope. It focuses initiatives of regional character in the promotion to the research. It argues perspective of politics of financing for the scientific and technological sector with the cooperations between public and private sectors.

Keywords: Technological research scientific. Agencies of promotion to the research.

REFERÊNCIAS

CHIOZZINI, Daniel. Modelo de fomento à pesquisa brasileiro realça papel das agências. **Consciência**. 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/2004/11/06.shtml>>. Acesso em: 17 ago. 2005.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Pós graduação de qualidade para apoiar o desenvolvimento do Brasil**. Brasília, DF: CAPES; MEC, 2005.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA E AO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO DO ESTADO DO MARANHÃO. **A Instituição** [200-]. Disponível em: <<http://www.fapema.br/institucional/index.php>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

FURTADO, André Tosi. Novos arranjos produtivos, estado e gestão da pesquisa pública. **Tecnociência. Ciência e cultura**. São Paulo, v. 57, n.1, p. 41-45, jan./mar. 2005.

MOREL, Carlos M. A internacionalização de agendas de pesquisa: desafios e perspectivas. **Tecnociência. Ciência e cultura**. São Paulo, v. 57, n.1, p. 39-41, jan./mar. 2005.

PESQUISA e desenvolvimento. Disponível em: <http://www.mct.gov.br/Temas/info/Imprensa/Noticias_2/P&D_2.html>. Acesso em: 17 ago. 2005.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico**: do planejamento aos textos, da escola à academia. Catanduva: Rêspel, 2003. 256 p.

SALLES FILHO, Sergio; BONACELLI, Maria Beatriz. **Trajetórias e agendas para os institutos e centros de pesquisa no Brasil**. Disponível em: <<http://www.cgee.org.br/cncti3/Documentos/Seminariosantiago/Geracaoriqieza/DrSergio%20Salles%20Filho.doc>>. Acesso em: 18 ago. 2005.

SCHWARTZMAN, Simon; CASTRO, Cláudio de Moura (Org.). **Pesquisa universitária em questão**. Campinas: Editora da UNICAMP; Ícone; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1986. 232 p.

SCHWARTZMAN, Simon. O que é "ciência"? **Ciência Hoje**. Rio de Janeiro: SBPC, v.2, mar. – abr., 1984, p. 54 – 55.

_____. **Pesquisa acadêmica, pesquisa básica e pesquisa aplicada em duas comunidades científicas.** [1979]. Disponível: <http://www.schwartzman.org.br/simon/acad_ap.htm>. Acesso em: 18 out. 2005.

TEIXEIRA, Márcia de Oliveira; CORTES, Bianca Antunes. Introdução. **Tecnociência. Ciência e cultura.** São Paulo, v. 57, n. 1, p. 24-25, jan./mar. 2005.



A SOCIEDADE DO TERCEIRO MILÊNIO, A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Pro^{fa} Maria Cléa Nunes

Aula da saudade proferida aos formandos do semestre 2004.1

A informação tem sido mola propulsora no desenvolvimento da humanidade durante séculos. Neste milênio a transferência de informação tornou-se primordial. Haja vista, a interconectividade do indivíduo, neste mundo globalizado e o mundo transita num processo transformacional de paradigmas que envolve aspectos sociais, políticos, econômicos, educacionais e éticos. Os suportes informacionais evoluíram de formato, hoje temos além de livros impressos tipograficamente, livro sob o formato de CD-Rom, páginas acessadas diretamente no meio eletrônico. Os centros de documentação, os museus, as bibliotecas, os centros culturais estão inseridos no mundo digital e virtual num processo interativo entre usuário-informação.

Segundo Toffler e Toffler (1996) a sociedade passa por constantes mudanças denominadas de ondas. Portanto estamos na quarta onda, onde, são mesclados a tecnologia, a informação, o conhecimento e a ciência. Para alcançar este patamar o mundo passou por momentos processuais distintos e interligados que podem ser evidenciados a partir de fatos importantes. O primeiro fato (primeira onda) a modificar o panorama social decorreu da Revolução Agrícola – sociedade com pequenos grupos migratórios, produção em pequena escala, onde produtos e serviços eram essencialmente para o consumo, transformou-se em aldeias e povoados com nova forma de produção, diferenciada através do cultivo sistematizado e em grade escala, favorecendo o crescimento do mercado e o intercâmbio maior de produtos e serviços. A Segunda mudança (Segunda onda) nos paradigmas sociais ocorreu com o advento da Revolução Industrial, a utilização das máquinas em larga escala, o crescimento das fábricas (tecido, automóvel, alimentos, etc.) e das siderúrgicas impulsionou o desenvolvimento tecnológico e novos padrões de comportamento passaram a ser adotados, a sociedade denomina-se a partir de então em aldeia global.

Na terceira onda a sociedade adquiriu novos padrões de comportamento frente às tecnologias, mudaram os meios de produção, o trabalho é desenvolvido

por um maior número de pessoas porém, de forma individualizada, ocorre o declínio da estrutura de classes e o crescimento dos grupos móveis. a linguagem predominante é a informática e a telemática com bits, bytes, Internet, infovias... O homem quebrando as barreiras do tempo e do espaço num processo contínuo de "globalização", fenômeno este que ao mesmo tempo parece unificar apresenta à sociedade um princípio de abismo informacional, visto que exclui os indivíduos das classes menos favorecidas a participarem desse processo.

No contexto desta mutação social a informação constitui-se em ferramenta preponderante, acelerando o processo de comunicação para agilizar os serviços e produtos oferecidos para esta sociedade, onde segundo Nora e Minc (1980) existe uma "... forte diminuição da mão de obra nos setores primários e secundários, aumento dos serviços e sobretudo, multiplicação das atividades onde a informação é a matéria-prima".

Neste novo paradigma social, permanece ainda a dicotomia, pois de um lado encontra-se uma sociedade num processo acelerado de produção do conhecimento e transferência da informação via tecnologia de ponta e, do outro, uma sociedade menos favorecida a margem desse ciclo de mudanças por prescindir dos instrumentos e informações necessárias a esse desenvolvimento e que tem como indicadores desse desfavorecimento lacunas significativas, no setor da educação, saúde, habitação, saneamento básico dentre outros. É, neste contexto de mutação social que encontra-se o profissional bibliotecário, hoje também denominado profissional da informação ou para outros cientistas da informação. Profissional este, oriundo de uma formação através do ensino superior que tem como eixo norteador o currículo, apreendido via conteúdo de disciplinas que favorecem o desempenho das atividades profissionais no mercado de trabalho que irá atuar. Entretanto só o currículo não será suficiente se o profissional deixar de cultivar o princípio de atualização, criticidade e cidadania. Como afirma Tarapanoff (1997)

[...] o profissional da informação deve ter desempenho superior e depende de um aprendizado superior. O aprendizado além de formal (Bacharelado, Mestrado, Doutorado) foge da esfera restrita das escolas para ser desenvolvido e praticado nas organizações sociais em geral. O treinamento em serviço e a educação continuada a serem buscadas pelo próprio indivíduo, devem basear-se na observação e necessidade do dia-a-dia e estarem norteadas para a qualidade e o conhecimento.

Portanto, o Bibliotecário, há que repensar em sua práxis profissional onde possa favorecer atitudes empreendedoras necessárias neste cada vez mais competitivo mercado de trabalho, onde, o fazer a diferença consiste em ter as competências e habilidades para poder trabalhar com esse universo informacional ultrapassando as barreiras físicas e institucionais. Atitudes pró-ativas, inovadoras

e criativas, cultivar a auto-estima, motivação e espírito de liderança são ferramentas primordiais para construir um perfil do profissional que poderá corresponder a esta nova demanda social.

Portanto queridos formandos do semestre 2004.1, vocês tem muitos obstáculos a serem ultrapassados neste momento de transição de suas vidas, pois o processo de construção da práxis e sua realidade é conflituoso, e são esses conflitos que devem ser driblados para se pensar em ser um profissional com visibilidade de um verdadeiro agente social capaz de interiorizar e exteriorizar o processo de reflexão-ação-reflexão. Contextualizando-se no mundo sendo efetivamente este ser espaço-temporal, pluridimensional que vislumbra passado-presente mas com perspectiva de futuro, o que nos faz lembrar Lulu Santos "Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia [...] Tudo que se vê não é, igual ao que a gente viu a um segundo, tudo muda o tempo todo no mundo..."

E vocês com certeza estão fazendo parte neste momento de uma mudança significativa no contexto da Biblioteconomia Maranhense, inserindo-se agora como classe, categoria (Bibliotecário), não mais como estudantes de Biblioteconomia e devem procurar fazer valer as informações adquiridas durante esses anos de convivência dialogando com o conhecimento.

Ledo engano, se parecer fácil, pois, se assim o fosse, não estaríamos aqui após alguns anos (regular para alguns e irregular para outros), a pleitear um diploma que se faz necessário para buscar a diferença enquanto área profissional. Mas, devemos sempre seguir em frente pois, como diz Fernando Brant e Milton Nascimento "O trem que chega é o mesmo trem da partida, a hora do encontro é também despedida..." Entretanto para vocês formandos um trem com "bagagens enriquecidas" adquiridas na trajetória das disciplinas e com experiências compartilhadas com os colegas de curso e com os professores, e que este nosso encontro seja a despedida como acadêmicos para adentrarmos a realidade profissional com muito sucesso a todos.

Muito obrigada.

✎ Você sabia que os selos podem ser utilizados para pesquisas, ilustrações de trabalhos escolares e troca de correspondências como forma de "selar amizades"?

✎ Quem coleciona selos é FILATELISTA, palavra de origem grega, que quer dizer "amigo do selo"? E tem mais: FILATELIA é a prática de colecionar selos postais.

Aqui vão algumas dicas do Selinho para quem deseja colecionar selos.

Olha só:

✎ Não pegue os selos com as mãos sujas. Use sempre uma pinça guarde-os com todo cuidado, pois são peças valiosas de sua coleção.

✎ Nunca arranque um selo usado do envelope. Coloque-o de molho na água, que ele se desprende sozinho. Pode acreditar!

✎ Ao destacar o selo cuidado para não estragar os picotes.

Colecione selos:

E descubra que cada selo tem uma história para contar.

Para adquirir selos e produtos filatélicos, procure as Agências dos Correios ou consulte o site: www.correios.com.br

ATENÇÃO, VEM AI

✎ O XXIX ENEBD acontecerá na Bahia nos dias 23 a 29 DE julho do corrente ano, com o tema: Produção e disseminação do conhecimento científico no contexto discente: desafios e perspectivas.

✎ XIV SNBU - Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias de 22 a 27 de outubro de 2006 em Salvador Bahia.

Tema: Acesso livre a Informação Científica e Bibliotecas Universitárias
www.snbu2006.ufba.br

✎ Curso de Especialização em leituras e Práticas Educativas Informações no Departamento de Biblioteconomia na UFMA.

SAIBA MAIS SOBRE A PROFISSÃO E O PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA:

✎ Conselho Regional de Biblioteconomia - CRB 13 Região
<http://www.crb13.org.br/> E-mail: crb13@bol.com.br

Autorquia Federal com jurisdição no estado do Maranhão.

Rua da alegria, n. 395 – centro, São Luís-MA, (098) 9221-0623.

✎ Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições - FEBAB <http://www.febab.org.br/> E-mail:

febab@febab.org.br. Fundada em 26.07.1959, sua missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão. Tem como objetivos congregar as entidades para tornarem-se membros e instituições filiadas; coordenar e desenvolver atividades que promovam as bibliotecas e seus profissionais.

↗ Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação - ABECIN <http://www.abecin.org.br/> E-mail: abecin@abecin.org.br Entidade criada em 1967 com nome de ABEBD e, desde 2001, mudou para Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), tem como objetivo fundamental propiciar o aprimoramento do ensino da área. Promove desde 1986 os Encontros Nacionais de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação (ENEBCI's), realizados trienalmente.

↗ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT <http://www.ibict.br/> E-mail: webmaster@ibict.br. Antigo IBB - Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, fundado em 1954, assume papel de agregador e integrador das iniciativas de informação científica e tecnológica no país.

↗ Lei nº 9.674, de 26 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências.

↗ Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de Bibliotecário e regula seu exercício.

Entrevistado: Maria do Rozário Lobão Ferreira
Entrevistado por: Kátia Soares

Lobão é graduada em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Atenas Maranhense com extensão em Administração pela Universidade Estadual do Maranhão. Atualmente cursa Pós-graduação em Museologia na Universidade de Barcelona.

Bibliomar: QUAL SEU CARGO NOS CORREIOS?

Lobão: Sou gerente da agência Filatélica de São Luis-MA, ligada à Seção de Promoção vendas e Filatelia

Bibliomar: COMO É DESENVOLVIDO SEU TRABALHO?

Lobão: Lançamento de selo, carimbos comemorativos, solenidades, colecionismo, clube filatélico de São Luis, eventos apoio a campanha de vendas.

Bibliomar: QUAIS OS PROJETOS OU CAMPANHAS QUE VOCÊ E SUA EQUIPE ESTÃO DESENVOLVENDO ATUALMENTE?

Lobão: Correios na Escola, Criação de clubinhos filatélicos dentro das escolas, clubes de escoteiros, Premio jovem colecionador, selos personalizados, criação do museu dos correios no Maranhão, inclusão digital

Bibliomar: DE QUE SETOR VEM O RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO, PROJETOS?

Lobão: Da própria empresa, Correios

Bibliomar: QUAIS OS PATROCÍNIOS QUE OS COREIOS ESTÃO FORNECENDO ATUALMENTE?

Lobão: Os correios patrocina vários setores, tais como: artes plástica, audiovisuais, cinema, dança, esporte, cultura, literatura, música, teatro, patrimônio histórico e artístico.

Bibliomar: QUAL O PAPEL SOCIAL DOS CORREIOS?

Lobão: A grandeza de uma empresa não medida apenas pela qualidade de seus equipamentos ou empregados que possuem, mas também por seu comprometimento com as transformações da sociedade, consciente da importância de sua atuação na construção de uma sociedade mais igualitária. Os correios contribuem para o desenvolvimento social e cultural do país, unindo-se a vontade de cada brasileiro em mudar a realidade e escrever uma nova história.

Esclarecimentos aos autores

A revista A REVISTA BIBLIOMAR publica artigos, relatos de experiências, resenhas, resumos e informes pertinentes à área de Biblioteconomia e Ciência da Informação, cabendo ao seu Conselho Editorial a decisão final sobre a publicação. A simples remessa de originais à revista significa autorização do autor para sua publicação, porém não implica compromisso de divulgação pela revista. A Revista Bibliomar exime-se do pagamento dos direitos autorais ou fornecimento de separatas.

Normas para Apresentação de trabalhos:

1. Os originais entregues à Comissão de Captação de Originais serão apreciados, selecionados e aprovados pelo Conselho Editorial.
2. O texto não deve ser paginado, possuir no mínimo 3 págs., incluindo o resumo e a referência.
3. Em folha à parte o(s) autor(es) deverá(o) apresentar as seguintes informações: nome completo do(s) autor(es), qualificação acadêmica, instituição vinculada, endereço completo, telefone e endereço eletrônico (e-mail) para contato.
4. Os artigos deverão ser redigidos em português, digitados em papel branco A4 (21,0 cm x 29,7 cm) no programa "Word for Windows", com uso da letra no formato Arial, em espaço 1,5 entrelinhas, fonte tamanho "12" para o texto e tamanho "10" para citações longas e notas de rodapé. Devem assegurar a padronização obedecendo a NBR 14724/2002, da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) às margens:
 - superior: 3,0 cm;
 - inferior: 2,0 cm;
 - esquerda: 3,0 cm;
 - direita: 2,0 cm;
 - parágrafo: 2,0 cm a partir da margem esquerda;
 - citação longa: recuo de 4,0 cm da margem esquerda.
5. O original, deverá ser acompanhado de 02 vias impressas acompanhadas do respectivo disquete com identificação do autor (ou autores, se for o caso) e título do trabalho.

6. A primeira página deve conter as informações na seguinte ordem:
- a) Título do trabalho em negrito e subtítulo centralizado, se houver;
 - b) Nome(s) do(s) autor(es) seguido(s) de asterisco(s), remetendo para o rodapé da página, a qualificação acadêmica, instituição a que está vinculado;
 - c) Resumo informativo de até aproximadamente 150 palavras em português, acompanhado das palavras-chave que identifiquem o conteúdo;
 - d) Tradução do respectivo resumo e palavras-chave (fonte 10, espaço simples entrelinhas) após as resumo em português para efeito de praticidade e recuperação eficaz da informação.
7. Os títulos das tabelas e quadros devem ser numerados consecutivamente em algarismos arábicos. Esses algarismos devem vir acima das ilustrações seguidas dos respectivos títulos, apenas com a inicial maiúscula. Quando as tabelas e quadros são transcritos, devem se colocar abaixo uma legenda indicando a fonte.
8. Sempre que for mencionada uma citação no texto indica-se a fonte consultada. Para efeito de padronização seguir a NBR 10520/2002, da ABNT seguindo o sistema autor-data, remetendo-se para a Referência, ficando o rodapé para as notas.
9. As referências devem ser elaboradas obedecendo ao disposto na NBR 6023/2000 da ABNT, ora em vigor. Todo autor citado no texto deverá constar em uma lista chamada Referência, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor.

Observação: Os autores dos artigos publicados receberão certificados.

Endereço para o envio de original:

Universidade Federal do Maranhão

Centro de Ciências Sociais

Curso de Biblioteconomia Disciplina: Política Editorial

Revista BIBLIOMAR

Campus Universitário do Bacanga Av. dos Portugueses, s/nº

São Luís Maranhão

CEP: 65.080-040

Patrocínio:



Publicada desde 2002, a **Revista Bibliomar** destina-se à publicação de artigos originais relativos a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Foi criada com o intuito de discutir temas relevantes de interesse aos profissionais que atuam na mais diversa da informação, em especial a biblioteconomia. A Revista Bibliomar é uma publicação semestral, de responsabilidade dos acadêmicos do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.